



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea

HANNAH FITERMAN

**REESCREVENDO O PAI NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA
PATERNIDADE EM SALVADOR-BA**

Salvador
2012

HANNAH FITERMAN

**REESCREVENDO O PAI NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA
PATERNIDADE EM SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Família na Sociedade Contemporânea da
Universidade Católica do Salvador, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre

Orientadora: Profa. Dra. Mary Garcia
Castro

**Salvador
2012**

Este trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB).

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

F544 Fiterman, Hannah
Reescrevendo o pai na sociedade contemporânea: uma representação social da paternidade em Salvador-Ba/Hannah Fiterman.– Salvador, 2012.
89 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Mary Garcia Castro.

1 Família 2. Paternidade 3.Maternidade 4.Cuidado.
I.Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação II. Castro, Mary Garcia – Orientadora III.Título.

CDU: 316.356.2-055.52.055.1(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

Hannah Fiterman

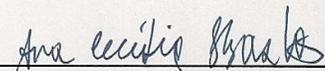
**REESCREVENDO O PAI NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PATERNIDADE EM SALVADOR-BA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 24 de janeiro de 2012

Banca Examinadora:


Prof(a). Dr(a). Maty Garcia Castro - Orientador(a)
Doutor(a) em Filosofia – Univ. Florida
Universidade Católica do Salvador


Prof(a). Dr(a). Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos
Doutorado em Psicologia - UNB
Universidade Católica do Salvador


Prof(a). Dr(a). Permínio Souza Ferreira
Doutor(a) em Filosofia e Língua Portuguesa – USP
Universidade do Estado da Bahia

*À memória de minha avó,
Dulcinéia Rodrigues Fiterman*

AGRADECIMENTOS

Muito a agradecer:

A Deus, por todas as felicidades que vivo.

À Professora Doutora Mary Garcia Castro, minha orientadora, pela disponibilidade para ouvir minhas inquietações. Sou grata pelos ensinamentos na construção deste trabalho.

À Professora Doutora Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos, pelo carinho e profissionalismo para comigo e com a pesquisa.

Ao Professor Doutor Permínio Souza Ferreira, pela disposição em compartilhar aprendizados e discussões que facilitaram a realização deste estudo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB, pelo apoio financeiro o qual permitiu a realização deste trabalho.

A minha família, pelos cuidados e investimento na minha história de vida, em especial, às minhas tias Izani, Iza e Izana Fiterman. A todos os meus tios, em especial, Izan, Izael e Izaú Fiterman, meu pai do coração, que sempre me cativa com amor. Às tias cuidadoras da família, Tita e Creuza.

Aos meus primos-irmãos, pelas lições de vida e pela convivência feliz que sempre tivemos: Izaac, Indira, Boris, Raul, Natan, Giovanna, João, Pedro, Anita, Simão, Saul, Iram, Kael, Sabine, Ana Carolina, Daniel, Thomaz, Thais, Aiana, Pablo, Danilo, Izabela, Larissa, Raissa, Ravena e Eduarda. A Érika, minha estrela, e a Mariana, meu chuchuzinho.

A Izanéia Fiterman, minha mãe, por escolher ser mãe. Sua fé em Deus e em Nossa Senhora me ensina a ter esperança. Agradeço suas orações, sua dedicação e amor incondicional.

A Ronald Silva Marques, meu pai, e a minha família paterna, por crescerem em afeto comigo.

A Cristiano Miranda Nogueira, carinhoso Cris, meu companheiro de todas as horas, pelo seu sorriso confortante.

A Vladimir Maretic, pelas discussões sobre sociologia e pelas conversas sobre sua vida e sua forma de ser pai.

A Antônio Lobo e a Vanda Bastos, por terem sido os caçadores dos erros gramaticais e ortográficos, tornando minha dissertação mais bela.

A José Juan Rodrigues Rodrigues, por me auxiliar nas leituras em espanhol, e a Alessandra Fiterman, pelo apoio.

À Universidade Católica do Salvador – UCSAL, pelo fantástico Programa de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Aos professores, colegas e funcionários, pela solidariedade e trocas de saberes. Em especial, aos amigos: Susana Maria Levien Grillo, Carmelite Moreira Santos Silva, Nilzete Freitas da Silva, Rosa Maria da Motta Azambuja, Rosevil Eduardo Alves, Cinthia Barreto Santos Souza, Ester Nunes Praça da Silva, Gisleide Silva Lima, Maria Constança Velloso Cajado, Antonio Anílson Rodrigues da Silva, Clodoaldo Almeida Paixão, Djalma Navarro Falcão, Ulisses Campos de Araújo, Claudia de Faria Barbosa, Marlene Brito de Jesus Pereira, Samira Safadi Bastos, Vanderlay Santana Reina, Selma Reis Magalhães, Gina Emília Barbosa de Oliveira Costa Gomes, Jorge Cleidson Andrade Reis de Mello, José Américo Silva Fontes, Barbara Maria Santos Caldeira, Maria de Fátima Araújo Di Gregório, Ana Barreiros de Carvalho, José Onofre Gurjão Boavista da Cunha, Régia Mabel da Silva Freitas, Vinícius Farani Lopez, Helaine Pereira de Souza, Isabela Alves Mattos e Débora Souto Costa.

Aos professores, funcionários e amigos das unidades de ensino Colégio Santíssimo Sacramento – Sacramentinas e Colégio Antônio Vieira, que tanto contribuíram para a plenitude de meus valores.

A Marco Aurélio, o anjo enviado por Deus que salvou minha vida.

À equipe de profissionais de saúde que cuidaram de mim e me ensinaram a reconhecer e aceitar meus limites e a superá-los, sempre, quando possível. Em especial, a Dr. Silvio Porto, Dra. Estela Nascimento, Dr. José Carlos Petronilo, Dr. Jorge Brasil, Dra. Rita Pinto, Dr. Walter Leite Filho, Dr. Fernando Costa, Dr. Mardel, Dr. Reginaldo, Dr. Iderval, Dra. Cíntia, Dra. Virgínia; a Neuza Monteiro; às psicólogas, Graça Machado e Marizete; à enfermeira Ana Lúcia Martins Barreto; à dançaterapeuta, Márcia; ao educador físico, Osvald Peltier; e às fisioterapeutas, Carla e Nilzete.

Às pedagogas Ana Luisa, Célia e Bárbara, por me auxiliarem no meu crescimento pessoal.

À psicoterapeuta Marcia Messias, que sempre acreditou em minhas potencialidades e em meus sonhos.

Ao advogado Dr. Arthur Alvares de Queiroz Araújo Neto, pelo seu profissionalismo e humanidade, que tanto me ajudou a trilhar meus sonhos.

À Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, por me possibilitar uma formação de excelência em Psicologia e pelos inesquecíveis professores, funcionários e colegas. Em especial, às amigas Aline Silva Batista e Lara Espírito Santo Fonseca.

Às/Aos amigas/os, por serem meus confidentes em mais uma grande conquista. Em especial, Alexandra Alonso, Rafaela Seixas, Isis Rosa, Gleice Espírito Santo, Jamile Souza, Daiane Campos, Izabelle Pinto, Celeste Castro, Nara Borges, Rafael Alonso, Marcelo Caetano, Marcos Russo, Mateus Russo e Marcelo Figueroa.

Aos vizinhos, que sempre me deram guarita e atenção. Em especial, a D. Antônia, D. Amênis, Almiro e Isabel e D. Maria e Ricardo.

Aos pais, que confiaram em mim para falar sobre suas vidas.

A você, leitor, e a tantas pessoas que contribuíram, de diversas maneiras, para a realização deste trabalho, a minha gratidão.

“A HISTÓRIA DE UM VERDADEIRO PAI

Num domingo chuvoso, a cidade estava deserta, não me recordo o motivo, mas a pediatria estava desativada. Os pacientes eram atendidos alternadamente. Até a meia noite era intenso o movimento, depois caía consideravelmente. Por volta das 3h30, chegou um homem de uns 25 anos de idade, trazia embalado nos braços envolto num grosso lençol uma criança de 2 a 3 anos, foi até a recepção, disse que o filho estava com febre e dor na garganta. A recepcionista explicou que não se tratava de uma emergência e que deveria procurar o outro serviço logo que o dia clareasse. Humildemente, o senhor sentou numa cadeira defronte à televisão que passava a noite ligada, pensou, refletiu, voltou para a recepcionista, tentou explicar e sem sucesso. Solicitou que lhe mostrasse quem eram os médicos, queria falar e solicitar “pelo amor de Deus” que atendessem o seu filho (...).

O pai revelou que morava na periferia e saíra de casa às 06 horas da manhã. Seu transporte era uma casinha adaptada sobre a carroceria de um caminhão, não tinha alimentação, nem garantia de emprego e era o último a chegar em casa no subúrbio ferroviário, depois de uma peregrinação por toda a cidade.

Naquele dia, havia deixado a fábrica às 22 horas. Rodara mais de 150 quilômetros. Ao chegar em casa, sem almoço e sem jantar, sem banho e possuído pelo cansaço, foi avisado pela esposa que o menino estava com febre e esperava o pai para levá-lo ao médico. Matou a sede, encostou a mochila, pôs a criança nos braços e, debaixo de chuva, andou a pé três quilômetros, pegou o trem suburbano que se conectava com o último ônibus e depois de rodar 30 quilômetros atingiu o fim de linha num ponto turístico. Desceu a pé um íngreme, enladeirado, longo e deserto percurso da grande praça ao longínquo serviço de urgência.

Na solidão do caminho, na escuridão da noite, sob o frio da úmida e torrencial chuva, arriscando as suas vidas, mergulhou na realidade. Na cabeça, um turbilhão de pensamentos, todos de baixa estima: pobre, não bonito, suburbano, pertencente a uma categoria sem valor, afro-descendente, cansado, naquele dia sem se alimentar, foi tomado pelo desânimo. Porém, tinha um filho, um rei. Tinha nos braços uma das razões que justificava viver, que justificava todo e qualquer sacrifício. Aliás, levar o seu filho a um médico, não era sacrifício, era um prazer.

E pensava no seu trabalho, na sua família, no seu pai, via e sentia naquela hora, naquele momento como era difícil a vida, como era dura. Pensou no médico que intercederia pelo seu sofrimento, que proveria a ajuda que precisava, independente dele ser uma pessoa simples, um operário. Disse também que saiu preocupado como voltaria, com que transporte, com qual dinheiro e para ir ao trabalho no outro dia, sem dormir, sem comer, sem condições de faltar, e se fosse demitido? Porém, nada disso era mais importante do que aquele filho, nada tinha mais importância do que a saúde do seu filho. O médico escutava silenciosamente. Aquele depoimento era mais um desabafo, um desabafo social, um desabafo para com ele mesmo, um desabafo quem sabe, talvez para com DEUS, e o médico escutava calado, silencioso, olhar perdido, o médico estava noutra mundo, bem distante, não sei aonde, num lugar longínquo e cabisbaixo. Repentinamente, com os olhos marejados, voz trêmula, rompeu o silêncio, abraçou o guerreiro pai e balbuciou: PAI, AH SE TODOS OS PAIS FOSSEM ASSIM! COMO SERIA DIFERENTE.

Pegou as rédeas do atendimento, arranjou energia não sei aonde, atendeu, conversou, riu, ofereceu o seu lanche noturno e o café da manhã para aquele pai exemplar, alimentou a criança e, com a criança medicada, a bolsa cheia de amostras e muita disposição foi conhecer a periferia onde morava um homem, onde morava um cidadão, onde morava um verdadeiro pai, e saíram os três na mesma condução”. (Iderval Reginaldo Tenório, 2010)

RESUMO

Esta dissertação focaliza o pai na contemporaneidade, tendo como objeto representações sociais sobre cuidados com filhos pequenos, a partir da fala dos próprios pais contatados, registrando desejos, sentimentos, realizações, conflitos e dificuldades na interação com seus filhos. Utiliza-se a teoria das representações sociais descrita por Serge Moscovici. Foram selecionados homens com idades entre 26 e 33 anos, casados legalmente ou não, que se tornaram pais no século XXI, com filhos na idade de até três anos, vivendo sobre o mesmo teto que sua companheira e seus filhos. O estudo envereda por um caminho qualitativo, realizando entrevistas abertas, com roteiro semiestruturado, com os sujeitos selecionados e suas respostas foram examinadas através da análise de conteúdo, que salienta a construção de categorias de análise para representar o conhecimento, mediando simbolicamente a linguagem e seu contexto social. As falas dos pais foram organizadas em três categorias temáticas: significado da paternidade, cuidado paterno e sentimentos de pai. Os resultados da pesquisa questionam dicotomias, como provedor e cuidador, frequentes na literatura sobre gênero, paternidade e maternidade. O estudo não pretende generalizações, mas sugere que tal literatura pede mais estudos focalizando o pai, suas práticas de cuidados com os filhos e suas representações.

Palavras-chave: Família. Paternidade. Maternidade. Cuidado.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es el padre en la época contemporánea, teniendo por objeto sus representaciones sobre los cuidados con los niños pequeños. Analizase discursos de los padres, considerando deseos, sentimientos, logros, luchas y dificultades para interactuar con sus hijos. Se utilizó la teoría de las representaciones sociales, indicada por Serge Moscovici. Para esta investigación, se ha seleccionado hombres de entre 26 y 33 años, casados legalmente o no, que se convirtieron en padres en el siglo XXI, con niños de hasta tres años, y que viven bajo el mismo techo que su pareja y sus hijos. A partir de esta selección, este estudio ha utilizado un camino metodológico cualitativo con la realización de entrevistas abiertas, semi-estructuradas, con los padres. Sus respuestas fueron examinadas a través del análisis de contenido, como propuesto por Martin W. Bauer (2003). Este análisis hace hincapié en la construcción de categorías de análisis para representar el conocimiento, mediando simbólicamente el lenguaje y su contexto social. Las líneas de análisis fueron organizadas en tres temas: el significado de la paternidad, el cuidado paterno, y los sentimientos de un padre. Los resultados de esta investigación cuestionan dicotomías entre proveedor y el cuidador, que con frecuencia son parte de la literatura sobre género y paternidad. En el estudio no se pretende generalizaciones pero sugiere que tal investigación pide más estudios sobre el padre, sus prácticas de cuidados con los hijos e sus representaciones.

Palabras-clave: Familia. Paternidad. Maternidad. Cuidado.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Dados sociodemográficos dos pais entrevistados	53
Quadro 2	Dados da família de origem	57
Quadro 3	Dados da família constituída	65

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
BEMFAM	Bem -Estar Familiar no Brasil
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INED	<i>Institut Nationale d'Études Démographiques</i>
ONG	Organização Não-governamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
UTIP	Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
1 A FIGURA DO PAI NA FAMÍLIA	22
1.1 O QUE É A FAMÍLIA?	22
1.2 A FIGURA DO PATRIARCA	24
1.3 RELAÇÕES DE GÊNERO	28
2 MUDANÇAS NA ESTRUTURA FAMILIAR	31
3 O PAI NA FAMÍLIA	36
3.1 SENTIR-SE PAI	36
3.2 A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE	38
3.3 A “NOVA PATERNIDADE”	42
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	48
4.1 MÉTODO	51
4.1.1 Participantes	51
4.1.2 Procedimentos	53
5 CONSTRUINDO CATEGORIAS DE ANÁLISE	55
5.1 SIGNIFICADO DA PATERNIDADE	57
5.1.1 Avaliação do Relacionamento com a Família de Origem	57
5.1.2 Descrição de Imagens Criadas da Paternidade	62
5.2 CUIDADO PATERNO	65
5.3 SENTIMENTOS DE PAI	70
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES	
APÊNDICE A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	86
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA	88

APRESENTAÇÃO

A escolha por um curso de graduação na área da Psicologia e o meu percurso de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) não se deram por acaso, mas influenciados por discussões realizadas com minha família, amigos e colegas de estudo. A seguir, delinco porque decidi escrever sobre o pai na sociedade contemporânea.

Em 2009, realizei um estágio em Psicologia Hospitalar em um hospital público de Salvador, Bahia, no qual desenvolvi atendimentos psicoterápicos individuais e grupos operativos voltados para a família de crianças internadas seja em Enfermaria seja na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Pediátrica, buscando facilitar a permanência neste ambiente que se faz, muitas vezes, tão adverso e assustador.

Naquela instituição, pude acompanhar o sofrimento de homens-pais durante a internação dos seus filhos, um sofrimento que aumentava quando a internação acontecia na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP). Ao atendê-los, no intuito de favorecer o vínculo com a criança, dar suporte emocional e fortalecer a sua autoestima, observei a falta da assistência oferecida pelos outros profissionais da área de saúde, que pareciam desorientados, despreparados para lidar com aquele cenário que revelava homens-pais cuidadores e afetivos com seus filhos. No hospital, a mulher se destacava como “cuidadora e acompanhante da criança” e os pais só apareciam, quando apareciam, como visita.

A partir de tal experiência, questionei por que alguns pais se dispõem ao cuidado de seus filhos e outros não. Ambos, pai e mãe, podem ser objeto de tal questionamento, no entanto, é o pai quem geralmente não aparece no cenário de cuidados com os filhos. O principal motivo de meu desconforto foi perceber que os profissionais de saúde daquela Instituição refletiam um imaginário presente na sociedade que faz com que os pais não usufruam do mesmo reconhecimento que têm as mães como seres aptos e desejosos de cuidar do filho.

Tal imaginário se fundamenta, substancialmente, no fato de que houve um aumento significativo de famílias chefiadas por mulheres. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2001 a 2009, a proporção de famílias chefiadas por mulheres no Brasil subiu de, aproximadamente, 27% para

35% do total. Em 2009, foram identificadas 21.933.180 famílias que apontaram a mulher como principal responsável, a pessoa de referência na casa. Esse aumento do número de chefes de família mulheres não muda os valores familiares tradicionais: os cuidados domésticos não foram transferidos para os homens e elas continuam sobrecarregadas, tendo que dar conta do trabalho e dos cuidados da casa. Em 2009, 14,2% dos casais com ou sem filhos eram chefiados por mulheres. (DEPARTAMENTO..., 2010).

A extensão e o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, assim como o lamentável fato de que muitos pais se recusam a reconhecer e dar pensão a seus filhos, corroboram a ideia de que apenas a mãe tem de cuidar do filho. Saliendo que essa é uma generalização que, embora tenha bases reais, não corresponde a uma realidade homogênea, não fazendo justiça a tantos homens que cuidam dos filhos ou gostariam de cuidar mais.

A tendência de aumento das famílias chefiadas por mulheres é tema crescente na literatura contemporânea, porém, a ampliação concomitante de casos de famílias em que o pai também assume o papel de cuidador dos filhos, o que é discutido nesta dissertação, é mais registrada por pesquisas qualitativas.

Observei que muitos pais também aparecem como atores no cotidiano do cuidado com seus filhos e comecei a pesquisar sobre o tema: a paternidade e o cuidado com filhos pequenos. Pensei em realizar entrevistas com profissionais que lidam com crianças, mas percebi que a voz que precisa ter espaço é a do próprio pai para que este possa manifestar suas emoções e contar sua história de paternidade.

Entre 2010 e 2011, durante a realização desta dissertação para o Mestrado, busquei entender de que forma se constrói a paternidade, partindo do relato de pais sobre a interação com seus filhos.

INTRODUÇÃO

A família, diferentemente de como pensaram alguns analistas, que discutiram suas crises e profetizaram seu desaparecimento (COOPER, 1989), sempre existiu e provavelmente continuará existindo, o que também é defendido por diversos autores como Petrini (2003), Donati (2008) e Roudinesco (2003). Entretanto, não é possível elaborar um conceito único e universal de família, por se referir a grupos diversificados, embora com dimensões que o identificam como tal. Sendo esse conceito socialmente condicionado, ela pode ser analisada a partir das representações que as pessoas fazem, ou seja, daquilo que elas compreendem como família. Dessa forma, pode-se pensar em família no singular e no plural.

A família geralmente se constitui de indivíduos que, sob um mesmo teto, modelam uma realidade social. De acordo com a definição de questionários do *Institut Nationale d'Études Démographiques* (INED), família é “um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”, conforme relata Bourdieu (1996, p. 124).

Este estudo tem como objetivo apreender e analisar a representação social da paternidade a partir da perspectiva do pai, buscando identificar como eles percebem esta nova dinâmica na qual os homens podem desenvolver uma vinculação mais efetiva e de cuidado com seus filhos, adquirindo funções referentes ao que, culturalmente é, comum atribuir ao materno. Dessa forma, enunciamos como objeto deste trabalho: a representação sobre cuidados a partir de pais que vivenciam o relacionamento com seus filhos.

Para atingir tal objetivo, se faz necessário:

a) entender a fala dos pais sobre cuidado com seus filhos pequenos, investigando padrões de construções sociais e culturais dos papéis maternos e paternos entre os membros da família; e

b) descrever características socioeconômicas, comparando casos de dois níveis socioeconômicos, verificando pais que tendem a cuidar e se envolver afetivamente com seus filhos e analisando os fatores que desencadeiam ou predispõem o cuidado dos pais com seus filhos.

Este trabalho se baseou no pressuposto de que o pai exerce a paternidade de acordo com as representações sociais construídas ao longo da vida,

especialmente na interação com sua família de origem, com sua companheira e com seus filhos.

Em busca de compreender como vem se processando a participação do pai no cuidado com seus filhos, na primeira infância, foram estudadas questões como:

- * de que forma o homem assume a paternidade;
- * quais os principais valores que norteiam o homem no exercício da paternidade; e
- * como se apresenta a subjetividade do pai.

Para a compreensão do tema paternidade e cuidado com filhos pequenos, tomou-se como objeto a contribuição de pais residentes em Salvador, tendo sido selecionados: aqueles que possuem um convívio íntimo e de cuidados com os filhos de forma compartilhada com a cōnjuge; casados legalmente ou não, porém, vivendo sob o mesmo teto que a companheira e seus filhos; nascidos a partir do final da década de 70 e na década de 80; que se tornaram pais no século XXI; e que tenham filho(s) com idade atual de até três anos.

Foram realizadas entrevistas abertas com roteiro semiestruturado, com destaque para os cuidados mencionados pelos pais entrevistados e como estes os representam, visando o interesse desta pesquisa, ou seja, identificar a participação dos pais nos cuidados com os filhos pequenos.

A partir da revisão de literatura e do relato dos pais sobre a interação com seus filhos, foi realizado um estudo dos significados atribuídos à paternidade e, através da leitura cuidadosa das diferentes perspectivas dos entrevistados sobre suas próprias histórias, efetuou-se uma análise da convivência destes pais com sua família constituída e com a família de origem, investigando de que forma se desenvolve o cuidado com os filhos.

Para guiar esta pesquisa torna-se necessário discutir valores, romper paradigmas, desconstruir conceitos, recriar significados, aprofundar-se no objeto e permitir-se ser surpreendido com uma nova perspectiva que surge do sujeito entrevistado – o pai. Trata-se de uma percepção compartilhada da paternidade, construída de diversas formas a partir de uma trajetória social, ou seja, refere-se ao ambiente social no qual o sujeito está inserido e interagindo e às relações sociais estabelecidas.

O percurso histórico do tema “paternidade” requer um debate entre saberes, em particular, de autores da Sociologia e da Psicologia, duas áreas de

conhecimento que, com suas metodologias e significados próprios, podem atuar com enfoques diferenciados oferecendo algumas pistas específicas para a compreensão da paternidade na família contemporânea, ou melhor, a diversidade de formas deste exercício, realçando o que consideramos como um tipo emergente, aquele em que o pai é um cuidador. Para isso, se faz necessário refletir, com base na Psicologia, sobre a representação social do pai e os significados atribuídos à função paterna e conhecer, com a colaboração da Sociologia, as construções sociais destas representações (MOSCOVICI, 2004; JODELET, 2001; SPINK, 2004; LANE; CODO, 2004; e MEDRADO; et al., 2010). Esses saberes oferecem subsídios para responder às indagações provenientes da presente pesquisa.

Este estudo foi enriquecido com o conhecimento gerado nas linhas de pesquisa “paternidade e gênero” (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007; COSTA, 2002; WAGNER et al., 2005); “envolvimento paterno” (SILVA; PICCININI, 2007); “sentimento paterno” (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006); e “experiência da paternidade” (GOMES; RESENDE, 2004; BALANCHO, 2004), cujas temáticas inscrevem o pai na contemporaneidade e que, além de outras questões, buscam repensar a participação masculina no cuidado com crianças pequenas. Pretende-se estudar as atribuições tradicionalmente demarcadas para os homens¹ como provedores econômicos, ressaltando outros tipos de provisão, como o de cuidador afetivo de seus filhos.

Em resumo, é essencial oferecer visibilidade às falas dos próprios pais através das quais se pode observar desejos, sentimentos, realizações, conflitos e dificuldades na interação com seus filhos e analisar as representações quanto ao cuidado paterno, observando a “relação pai–filho–mãe”, discutindo se há rupturas do modelo tradicional de família no qual cabe à mulher o cuidado com os filhos, ou se ocorre uma divisão sexual de cuidados.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos.

No primeiro, desenvolve-se uma discussão sobre a figura do pai na família, inicialmente, abordando aspectos sociológicos no estudo sobre a família

¹ O modelo tradicional de família se caracteriza como nuclear, conjugal e heterossexual (ROUDINESCO, 2003) e é compreendido através dos esquemas do modelo patriarcal, representando o lugar da reprodução de uma mentalidade conservadora contrária às inovações culturais (DONATI, 2008), onde o homem ocupa o centro, o poder, a autoridade e o direito sobre a mulher e os filhos (CECCARELLI, 2007). Os valores “tradicionais” trazidos por tal modelo podem privar os homens de vivências significativas no nível afetivo e emocional com sua família. (LYRA; MEDRADO, 2000).

contemporânea (BRUSCHINI, 1993; SEGALIN, 1999; SARTI, 2005; SINGLY, 2007), enfocando a família brasileira (SAMARA, 1998); em seguida, discute-se a figura do patriarca em sociedades de fraca presença do Estado (FREYRE, 2004), verificando se há mudanças no modelo dos tempos da Colônia e, a partir de papéis sociais, o contrato sexual e sua relação com o contrato social, discutindo historicamente o poder do pai e do marido. (SAFFIOTI, 2004).

O segundo capítulo traz a análise das possíveis contribuições para as mudanças na estrutura familiar tanto nas relações de gênero quanto entre gerações – tais como o movimento feminista, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a maior capacidade de controlar a fecundidade advinda com a pílula anticoncepcional – e, ainda, a apresentação de estudos que discutem possíveis mudanças na perfilhação sociopsicológica do pai na família, em particular com o cuidado dos filhos, observando o porquê de tais transformações e em que sistema social, classes e lugares tal tendência seria mais observável.

Em seguida, no terceiro capítulo, são explorados estudos que tratam de participação, envolvimento e sentimento paterno e as polêmicas que essas pesquisas trazem. Este capítulo visa entender como se revelam os sentimentos do pai em relação ao filho, trazendo leituras sobre as expectativas de ser pai, o período da gestação, da amamentação, os cuidados cotidianos com o filho, os conflitos e tensões vividos no itinerário da paternidade, discutindo os significados atribuídos à paternidade e questionando a naturalização dos papéis paternos e maternos na família.

No quarto capítulo, em que se descreve a metodologia, realiza-se a conexão entre questões teóricas e problemas práticos da situação contemporânea relacionada à paternidade construindo-se uma revisão de ideias e valores. O trabalho realizado teve como guia teórico as Representações Sociais, utilizou as técnicas da Entrevista e do Diário de Campo como instrumentos de coleta de dados e construiu categorias com a técnica de Análise de Conteúdo.

No quinto capítulo, são construídas as categorias de análise, averiguando-se a relação do pai entrevistado com a família de origem, ao pesquisar de que forma tal família se estruturava, quem exercia o papel de cuidador, como era a relação do entrevistado com seu próprio pai e quem seria seu exemplo de pai; busca-se compreender a relação do entrevistado com a companheira, a partir de perguntas sobre a divisão de trabalho doméstico e de cuidados com os filhos; e reflete-se

sobre a divisão sexual de poder. Finalmente, analisa-se as representações da paternidade a partir da relação do entrevistado com seu filho, destacando, em sua voz, desejos, vontade de ser pai, expectativas na gravidez (planejamento, notícia, participação, dia do nascimento, primeiro contato físico) e o dia a dia com seus filhos.

No sexto capítulo, são revelados os resultados e discussões desta pesquisa, explorando as realidades sociais em que o fenômeno da paternidade vem ganhando espaço, inferindo-se que há uma geração de homens que estão pensando, refletindo e revendo a sua participação nos cuidados com seus filhos e querendo compreender melhor qual o seu papel como pai na busca de aprimorar a relação pais e filhos.

Finalmente, são apresentadas as considerações finais acerca da dimensão subjetiva da paternidade, refletindo sobre as representações dos pais pesquisados quanto a sentimentos, participação e envolvimento com seus filhos pequenos. Note-se que os entrevistados informaram que essa única entrevista feita com eles para a pesquisa já lhes trouxe reflexões sobre a paternidade, provavelmente ampliando suas representações de pai.

Os pais entrevistados reescrevem o pai na sociedade contemporânea simplesmente por vivenciarem a paternidade, colocando no mundo suas representações, e por compartilharem suas vivências com a pesquisadora, que escreve no papel o que aprendeu com eles.

A literatura específica ajuda na análise dos principais processos de transformação pelos quais o homem vem passando quanto ao cuidado com os filhos, evidenciando as mudanças ocorridas na sociedade referentes às práticas paternas no contexto familiar. É preciso debater estereótipos sobre masculinidade e feminilidade para tornar perceptíveis as graduais mudanças adaptativas que estão ocorrendo na sociedade. Torna-se essencial discutir condicionantes socioeconômicos, considerados obstáculos à atuação do pai em relação ao cuidado com os filhos.

1 A FIGURA DO PAI NA FAMÍLIA

1.1 O QUE É A FAMÍLIA?

A família, conforme analisa Bourdieu (1996), é conceituada seguindo uma série de pressupostos compartilhados seja no discurso do senso comum seja no dos especialistas e sua descrição é construída com diversos sentidos em cada grupo, atribuindo valor às relações sociais. Sugere, ainda, este autor refletir não sobre o conceito da palavra “família”, mas sim sobre o de “famílias”.

Segundo Lévi-Strauss, “a palavra família é tão comum, e o tipo de realidade a que se refere é tão próximo da experiência cotidiana” que parece óbvia e simples, e, no entanto, seus significados em contextos diferentes, fazem “até mesmo o ‘familiar’ parecer misterioso e complicado” (1982, p. 355).

A família estaria presente em todas as sociedades. Contudo, é preciso ver a questão da família não de uma maneira dogmática, mas sim, considerando a diversidade da organização social, e tentar defini-la “estruturando um modelo ideal daquilo que temos em mente quando usamos a palavra família”, conforme Lévi-Strauss (1982, p. 361), para quem tal modelo se caracteriza por ter sua origem no casamento, ser formado por marido, esposa e os filhos provenientes da união e pela vinculação entre estes componentes por laços legais, direitos, obrigações e sentimentos.

Embora o fenômeno família seja universal, ele assume configurações muito diversas, conforme as sociedades e a época. Tratando-se de “um termo que já viveu tantas vidas” (FONSECA, 2007, p. 10), é ideal captar as experiências dos indivíduos sobre o que estes consideram ser família. Pode-se dizer que a família como objeto de estudo revela um grande leque de assuntos a serem discutidos.

No século XIX, estudos como o de Philippe Ariès, que traziam discussões sobre a criança, justificaram intervenções do Estado na família, tendo sido criadas regras jurídicas que limitavam o direito do pai, retirando-o do papel de “chefe incontestável da família”, segundo Singly (2007, p. 32) que, inspirado nas ideias de Émile Durkheim, afirma que os traços que caracterizam a família no final do século XIX continuam prevalecendo nos séculos seguintes, verificando-se uma privatização da família devido ao apreço atribuído à qualidade das relações interpessoais e a uma socialização deste grupo, em razão da intervenção do Estado.

A família, aliada ao Estado que controla, adéqua e ampara as relações dos seus membros, se torna um espaço onde os indivíduos valorizam sua individualidade, caracterizando-se, por uma grande dependência em relação ao Estado e uma grande independência em relação aos grupos de parentesco e de homens e mulheres em relação com esta família.

A partir das décadas de 1970-80, o casal passa a se constituir cada vez mais por meio de novas formas de união e o casamento se torna dispensável. (SEGALEN, 1999). A família contemporânea, progressivamente, foi se construindo como um espaço privado e seus membros foram se tornando cada vez mais afetuosos em suas relações, ocorrendo uma separação progressiva entre o espaço público e o privado, segundo Singly (2007), constatando-se um aumento do valor afetivo no ajustamento das relações intrafamiliares. Assim, a família nuclear, composta por um homem, uma mulher e seus filhos e vivendo na mesma moradia, sempre existiu, entretanto, seu papel e o ajuste das relações entre os sexos e as gerações estão em constante mudança, mostrando o aspecto relacional da família. (DONATI, 2008).

Segalen ressalta a intensa circulação afetiva, material e simbólica na família e salienta que o universo conjugal é cheio de incoerências e que as novas tendências das investigações estão caminhando para o estudo detalhado dos papéis de cada membro. Dessa forma, a autonomia do indivíduo acaba tendo consequências importantes no funcionamento doméstico e as relações entre o homem e a mulher e entre pais e filhos fortalecem o “espírito de família”. Nesse sentido, “a construção social da realidade, as justificativas de condutas, as representações, os sistemas de valor e outros métodos” permitem, hoje, analisar como os indivíduos são construídos e socializados no âmbito doméstico, a partir das relações que se estabelecem entre eles (1999, p. 36; 37).

Considerando que a sociedade é constituída e modificada por grupos, atos e ideias, esta pesquisa apresenta a teoria das representações sociais descrita por Moscovici (2004) como posicionamento ideológico para olhar a família, um tema que é de interesse da área da Psicologia Social e de autores como o já citado Moscovici, Jodelet, Spink e Lane que estudam os processos pelos quais o conhecimento é construído, modificado e lançado na sociedade.

Moscovici argumenta que o propósito de todas as representações “é tornar familiar algo não-familiar ou a própria não-familiaridade” (2004, p. 54), o que, em

outras palavras, significa que a familiarização é um processo construtivo de ancoragem e objetivação, é passar do não-familiar para ocupar um lugar no nosso mundo familiar.

Com base nos seus estudos, as representações são criadas por dois mecanismos: ancoragem e objetivação. A ancoragem é um processo que transforma algo que nos é estranho em nosso sistema particular de categorias que acreditamos apropriadas. Em resumo, nomear é um aspecto dessa ancoragem das representações. Já a objetivação é a arte de transformar uma ideia, um ser impreciso em um conceito familiar.

Salienta o autor que esse aspecto não significa que as mudanças subsequentes não aconteçam, mas que tais mudanças aparecem gradualmente, por exemplo, durante a transmissão de referenciais familiares. Assim, as ideias tidas inicialmente como abstratas se transformam em imagens concretas, que fazem parte da realidade. Segundo o autor:

Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2004, p. 78).

O ponto de partida da teoria das representações sociais é a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade e o seu objetivo é revelar “como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade” (MOSCOVICI, 2004, p. 79). Entretanto, procurar a causa, motivo e intenção de algum conhecimento é buscar algo que não existe por si mesmo, mas, apenas, dentro de uma representação que a explica. No entanto, o pesquisador pode se posicionar questionando a familiaridade, rompendo com o senso comum e com a naturalização das respostas (BOURDIEU, 1996).

1.2 A FIGURA DO PATRIARCA

Com base, ainda, nos estudos de Moscovici, o olhar para a paternidade não pode estar desvinculado da história do patriarcado, pois o homem traz desta

referência cultural, a crença de que ele tem de ser o provedor econômico da família e a mulher, aquela que cuida do lar e dos filhos, quase que como algo natural. Considerando que o mundo é totalmente social, é conveniente ressaltar que toda e qualquer ideia pode ter sido distorcida por representações impostas aos objetos e às pessoas e que sua verdadeira essência se torna vaga e sem acesso. As representações “são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência” (MOSCOVICI, 2004, p. 33).

Como tipo histórico, a família patriarcal com a característica dependência de seus membros da autoridade paterna foi estudada, entre outros, por Samara, que relata que o chefe da família cuidava dos negócios e preservava a linhagem e a honra da família, exercendo “autoridade sobre a mulher, seus filhos e demais dependentes sob sua influência” (1998, p. 12). Este modelo de estrutura familiar reforçava a distribuição desigual de poderes entre os sexos, pois as mulheres, ao se casarem, “passavam da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada” (SAMARA, 1998, p. 14). Assim foram estabelecidos os papéis: a mulher submissa e o homem dominador.

A casa-grande foi marco desse tipo de organização familiar vigente na sociedade colonial em que o núcleo doméstico concentrava a vida econômica, social e política, o trabalho acontecia por meio da escravidão e o Estado e as instituições econômicas e sociais eram, muitas vezes, controlados pela imposição de determinadas famílias da região.

A sociedade brasileira se organizou econômica e civilmente, de mercantil para agrícola, em 1532, dando estabilidade à família patriarcal, de acordo com Gilberto Freyre, para quem a família é

[...] o grande fator colonizador do Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. (2004, p. 81).

Menciona Freyre um certo “sadismo” na família escravocrata no Brasil. Para ele, o filho tinha um senso grave de autoridade e dever e, como futuro senhor de engenho, parecia ter gosto de surrar, um gosto de mando violento ou perverso; já a

mulher – que era vítima, “criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido” (FREYRE, 2004, p. 114) – dispensava um tratamento sádico aos escravos, principalmente às mulatas, por ciúmes ou inveja sexual.

Em pesquisa comparativa da família brasileira do período colonial até a atualidade, Samara (2002) observa as mudanças e continuidades ao longo do tempo salientando que, ao final do período colonial, teve início um longo processo de mudanças que vão afetar as relações sociais: observando os contextos regionais, verifica-se o aumento da vida urbana; em 1690, proliferam as imigrações e as transformações advindas com a industrialização; a miscigenação e o aumento dos concubinatos já eram difíceis de ser controlados pela Igreja e pelo Estado; as mulheres já trabalhavam fora do contexto doméstico e chefiavam famílias. Com essas transformações, já não dava mais para se pensar em padrões fixos impostos pela colonização, pois a maior parte da população não os seguia.

No Sul do país, a cafeicultura desenvolveu a economia e, ao longo do século XIX, mais mudanças ocorreram, provocadas pela Independência (1822), a República (1889), a abolição da escravatura (1888) e a entrada de imigrantes, trazendo alterações no sistema de mão de obra que vieram a refletir no mercado de trabalho e na distribuição demográfica da população brasileira. Essa expansão do mercado de trabalho criou alternativas de emprego para as mulheres, ajustando as atividades domésticas com o trabalho remunerado, ainda conforme Samara (2002).

Lévi-Strauss descreve a família da segunda metade do século XIX e de princípios do século XX, baseada no casamento monogâmico, como “a instituição mais digna de louvor e atenção” e como “relativamente frequente”, considerada ideal para conceber um homem civilizado e feliz. Assim, cada costume diferente deste era tratado com preconceito, acirrando o desrespeito às diferenças presentes na sociedade. (1982, p. 355, 360).

Salienta Samara (2002) que, na segunda metade do século XIX, no Nordeste, a divisão de tarefas entre os membros da família não seguia os padrões estabelecidos pelo modelo patriarcal. Na estrutura familiar, homens e mulheres dividiam deveres e trabalhavam para a sobrevivência dos seus integrantes. As mulheres nordestinas promoviam a integração social em tarefas relativas à economia doméstica, à manufatura de louça e tecidos, pequenos negócios e lavoura. Já no século XX, houve um aumento da participação feminina no mercado

de trabalho formal e a sua inserção nos setores informais, embora não contabilizada, contribuía para o orçamento familiar.

O valor funcional da família conjugal, pretensamente universal, corresponde mais ao equilíbrio, mesmo que instável, “do que a uma necessidade permanente e duradoura, proveniente das exigências mais profundas da natureza humana”; a dualidade dos sexos ainda é entendida como um requisito para o casamento e para a constituição da família; a forma da família tanto quanto a divisão do trabalho entre os sexos resultam mais de uma ordem social e cultural do que de uma ordem natural e, dessa forma, “a divisão do trabalho segundo o sexo nada mais é do que um dispositivo para instituir um estado de dependência recíproca entre os sexos”, conforme Lévi-Strauss (1982, p. 367, 370).

Assim, são as regras internalizadas que fazem de um determinado tipo de família uma realidade a ser seguida, conduzindo o comportamento humano, podendo ela ser vista como uma ordem simbólica onde o ser humano se faz social por ser o único ser capaz de problematizar sua existência, refletir e refazer regras. Logo, já não se pode tentar explicar a família apenas em termos naturais de procriação, instintos maternos e sentimentos psicológicos entre homem e mulher, e entre pai e filhos, pois,

o que realmente diferencia o homem dos animais irracionais é o fato de que, na humanidade, uma família não poderia existir se não houvesse sociedade, isto é, uma pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existem outros laços que não os consanguíneos, e que o processo natural de filiação somente pode ocorrer através do processo social da afinidade. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 372).

Dessa maneira, o autor analisa a tensão entre consanguinidade e afinidade nas relações familiares e rompe definitivamente com a unidade biológica da família, marcando o seu caráter cultural, e apresenta uma tensão entre duas polaridades. No entanto, natureza e cultura podem ser observadas como polos religados, pois não existe o biológico sem o cultural, mas se faz necessário reconhecer a base biológica da família.

Esse tipo de leitura sobre a paternidade permite transitar por investigações sobre a crise do homem e a crise do masculino e por pesquisas que falam do pai em comparação à mãe, inserindo-se em espaços em que o homem não é reconhecido. É possível dialogar com esses estudos trazendo o pai, que já existe como indivíduo,

considerando sua relatividade a depender da classe, geração, lugar e cultura e discutir o que a pesquisa no Brasil está fazendo para compreender esta diversidade.

1.3 RELAÇÕES DE GÊNERO

Para entender como são construídas as diferenças entre homens e mulheres na sociedade, considerando uma ideia que anseia por igualdade social, recorre-se a Heleieth Saffioti, que afirma que “cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia” (1992, p. 210). O “ser mulher” e o “ser homem” são ideias reforçadas pelos preconceitos e estereótipos de gênero. Feminino e masculino são denominações aparentemente inquestionáveis, aceitas de forma naturalizada pela sociedade que as adota como se fossem reguladas pelas diferenças biológicas, mas que favorecem as desigualdades sociais.

Diferentemente dos autores que focalizamos na seção anterior, para algumas autoras do campo do feminismo, o patriarcado não seria apenas um tipo de relação social entre homens e mulheres e que faria parte de um período na história, mas sim uma categoria conceitual que se realiza historicamente, que tem vigência mais perene e cuja estrutura de poder envolve toda a sociedade, ligando profundamente aspectos públicos (trabalho, estado e contrato social) e privados (contrato sexual), de forma que “o agente social marido se constitui antes que a figura do pai”, diz Saffioti (2004, p. 56).

O gênero, entendido por Saffioti (2004, p. 58) como “imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino”, juntamente com classe e raça/etnia, constitui o modo como se estrutura a sociedade. Nesse sentido, o patriarcado é um tipo de sistema de gênero que pode se apresentar na atualidade, um regime de dominação masculina no qual as mulheres são socializadas para conviver com a impotência e os homens são preparados para o exercício do poder. Esse conceito, porém, não se aplica em toda relação entre homem e mulher assim como também pode ser utilizado em outras relações.

O masculino e o feminino implicam certa divisão social do trabalho conhecida como divisão sexual do trabalho, da mesma forma que ela acontece correspondendo ao critério de sexo. “O papel de provedor das necessidades materiais da família é, sem dúvida, o mais definidor da masculinidade”, diz Saffioti. O

homem assume uma aversão às atividades domésticas e se torna agressivo, na tentativa de dominar a qualquer custo para não perder sua posição de macho, de modo que “o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força” que prende homens e mulheres em determinadas funções sociais como se fosse “destino” (1999, p. 87, 88).

É importante frisar que gênero diz respeito a uma “categoria histórica [que] concerne, preferencialmente, às relações homem-mulher”, mas também às relações entre homem e homem e entre mulher e mulher. “A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais”, ainda conforme Saffioti (1999, p. 82, 83). Portanto, o gênero não é apenas uma representação da diferença sexual e tem um significado essencial para articular as relações de poder.

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero. (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

Boris (2000) investigou, em Fortaleza-CE, a partir da perspectiva fenomenológica, o significado de ser homem, de estar inserido desde cedo numa construção relacional, ou seja, numa elaboração, ao mesmo tempo, subjetiva e coletiva, não apenas a partir das relações socioculturais com seus congêneres, mas também com as mulheres, até porque as mulheres ainda desempenham primordialmente o papel sociocultural institucionalizado de educar e de cuidar da formação dos futuros homens que geraram.

Conclui a sua pesquisa relatando que ser homem, hoje, ainda significa, em grande parte, assumir os papéis socioculturais privilegiados que permanecem sendo atribuídos ao poder masculino dominante, mas que tal privilégio implica, também, em atitudes, em tarefas e em exigências que têm provocado conflitos e dilemas frequentes em muitos homens. Compreende-se, cada vez mais, que não existe masculinidade nem feminilidade únicas, mas que as manifestações de gênero se apresentam em uma tal diversidade que não é possível conceber uma identidade masculina ou feminina universal e atemporal.

Giffin (2005) investiga a inserção dos homens nos estudos de gênero, resgatando discussões apresentadas por aqueles que presenciaram o (res)surgimento do movimento feminista nos países centrais, nos anos 1960, e que, nos anos 1970, participaram de grupos de homens que mostram que a ótica binária de representação dos gêneros que caracterizava o homem como “patriarcal”, racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, viril, poderoso, universalizado na sua dominação, “Homem com H maiúsculo”, e a mulher como emotiva, voltada para o mundo privado da reprodução dos filhos, cuidando das relações de afeto, sexualmente passiva, dependente, obediente, universalizada na sua opressão, precisava ser desconstruída. No momento em que essa ideologia binária é contestada, um homem competitivo, racional, ambicioso, forte e independente significa também um homem que mata seus sentimentos e suas emoções.

Desta forma, Giffin (2005) afirma que os homens não estão livres para se envolver no cuidado com seus filhos, uma afirmação que mostra a necessidade de se avaliar cautelosamente as grandes mudanças que estão acontecendo nas ideologias e até nas práticas de “gênero” para não criar equívocos baseados na ideia de que qualquer mudança é positiva e sinal de transformação.

2 MUDANÇAS NA ESTRUTURA FAMILIAR

Nas sociedades ocidentais, grandes transformações, como o desenvolvimento do trabalho assalariado das mães, o controle da fecundidade a partir da contracepção e o aumento da coabitação, principalmente do divórcio, caracterizaram as mudanças familiares no período do final dos anos 1960, pondo limites à autoridade paternal. Todas as transformações sociais da história do Brasil e do mundo, principalmente a inserção da mulher no mercado de trabalho, contribuíram para novas dinâmicas familiares. (THERBORN, 2006; HOBBSAWM, 2008).

Insatisfeito com os modelos de influência social, conformidade ou submissão e questionando como seria possível qualquer mudança social, Moscovici iniciou investigações e experimentos, interessando-se pelo processo de influência da minoria ou da inovação, observando que, sob a perspectiva sociopsicológica, as representações não podem servir simplesmente como variáveis explicativas nem como algo dado.

A partir dessa perspectiva, insistindo em discutir as representações como um fenômeno, explorando as ideias coletivas e sua diversidade (a falta de homogeneidade) nas sociedades modernas, nas quais há uma distribuição desigual de poder reproduzida pelas diferenças que geram uma heterogeneidade de representações, relata Moscovici que “as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura” (2004, p. 16).

A ciência e o senso comum foram importantes no surgimento de novas formas de conhecimento e crença no mundo moderno; o desenvolvimento da imprensa e a difusão da alfabetização tiveram importante papel na criação de novas formas de comunicação na transição para a modernidade, podendo-se observar mudanças nos interesses humanos que produzem novas formas de comunicação, inovando e emergindo novas representações.

As representações “são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2004, p. 37). São muito mais que ideias: elas podem ser consideradas confrontos de realidades inquestionáveis.

Ainda de acordo com Moscovici, os fenômenos específicos estão relacionados com um modo particular de se compreender e de se comunicar, que cria tanto a realidade como o senso comum. As representações são convencionais, de forma que “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por suas representações, linguagem ou cultura”; e prescritivas, pois “controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe [...], como se fossem realidades inquestionáveis que nós temos que confrontá-las”. Através da mudança, as representações sociais podem influenciar o comportamento de um indivíduo na coletividade (2004, p. 35, 38, 40).

Gomes e Resende apontam a multiplicidade de fatores e acontecimentos históricos como responsáveis pelas mudanças socioculturais que atingem a família contemporânea, trazendo como marcos a entrada da mulher no mercado de trabalho e o feminismo. O modelo de família baseado na hierarquia e severidade do pai provedor e autoritário “é substituído por formas diferenciadas de organização” (2004, p. 119). Nesse modelo, o pai não se manifestava afetivamente com os filhos, impondo seu poder tanto para estes como para a mulher, que dependiam economicamente dele; à mulher que, por sua vez, era submetida ao marido, cabiam os afazeres da casa e o cuidado com os filhos. Esse quadro começa a se modificar somente após 1950, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho.

Segundo Moraes (2001), a independência econômica das mulheres reorganizou novos arranjos familiares, com significativa mudança nas relações entre homens e mulheres. Os movimentos feministas vieram consolidar essa situação, acirrando ainda mais o debate sobre o lugar dos homens e das mulheres nas relações sociais, no trabalho, na reprodução, nas questões demográficas e outras tantas, fato observado por Samara (2002). Essa nova postura feminina vai contribuir, em grande escala, para as mudanças na estrutura familiar. A influência do feminismo, que Hobsbawm (2007) considera uma das maiores revoluções culturais do século XX, não só no Brasil como também nos países desenvolvidos, colaborou bastante para a identificação de direitos na humanidade das mulheres.

É importante ressaltar que a entrada da mulher na força de trabalho e a maior capacidade de controlar a fecundidade via pílula também contribuíram para tais mudanças na estrutura familiar, no que diz respeito tanto às relações de gênero como entre gerações.

Conforme Moscovici:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (2004, p. 41).

Para ilustrar essa afirmação, vale discorrer sobre a criação das pílulas contraceptivas.

O controle da natalidade era ainda tabu no século XX quando Margaret Sanger, enfermeira que, desde 1908, já defendia “o sexo sem medo”, publicou *A rebelde* (1914), colocando para o mundo a ideia de as mulheres contestarem a pró-concepção. Na época, acusada de obscenidade e perseguida, a autora teve de fugir para a Europa, mas, anos depois, em 1923, fundou, nos Estados Unidos, a primeira clínica de controle da natalidade onde eram receitados contraceptivos. Quando faleceu, em 1966, a pílula era aceita e discutida abertamente. Sua atitude pioneira foi reconhecida por um dos criadores da pílula, Gregory Pincus. (VEJA, 2001).

Nesse contexto, a posição das crianças também passa a sofrer alteração, pois a decisão de ter um filho é guiada por necessidades psicológicas e emocionais. Lamela, Nunes-Costa e Figueiredo (2010) trouxeram estudos realizados durante as últimas décadas que buscavam demonstrar a interrelação entre a qualidade da relação conjugal (conjugalidade), a parentalidade e as trajetórias desenvolvimentais das crianças no seio da família, o ajustamento da criança, que pode ser entendida por uma relação de interdependência entre os subsistemas conjugal e filial, posto que o desenvolvimento das relações familiares é dinâmico e a mudança é a base da interação familiar, ou seja, os pais podem participar como uma verdadeira equipe na condução da educação dos filhos seja de forma instrumental seja de forma emocional e valorativa.

Portanto, pode-se afirmar que a coparentalidade remete para a organização dos adultos na prestação de cuidados e educação dos filhos, imprimindo prioridade ao bem-estar dos mesmos, enquanto criam e mantêm uma relação construtiva, com fronteiras mais flexíveis entre si (LAMELA; NUNES-COSTA; FIGUEIREDO, 2010). Pode-se observar essa maleabilidade nos escritos de Pedro e Grossi (1998) que afirmam que o conceito de parentalidade rompe o paradigma de que apenas o

homem é pai e a mulher é mãe, pois, segundo essas autoras, essas funções podem ser realizadas por pessoas que estejam desenvolvendo o papel de cuidar de uma criança, independentemente do sexo.

Moraes (2001) certifica que essas novas formas de parentalidade são fruto das modificações ocorridas na família nuclear baseadas nos ideais de igualdade de direitos entre homens e mulheres oriundos do Iluminismo, nas exigências do mundo capitalista e graças às influências do feminismo, mudanças sociais estas que levaram à percepção das funções de pais e de mães.

Conforme Wagner et al. (2005), em estudo que mostra uma análise do exercício e da divisão de papéis e funções desempenhados por genitores na criação e educação de seus filhos em idade escolar, educar os filhos sempre foi uma tarefa complexa para os pais, embora isso não signifique que tais responsabilidades sejam compartilhadas de forma igualitária entre o casal: as mães tendem a se envolver mais do que os pais nas tarefas do dia a dia da criança e, geralmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos. Em compensação, observa-se um número crescente de pais que também compartilham com a mulher ou, até mesmo, assumem as tarefas educativas e a responsabilidade de educar os filhos, buscando adequar-se às demandas da realidade atual. Porém, essas mudanças parecem não estar ocorrendo com a mesma frequência e intensidade em todas as famílias.

Hoje em dia, as diferentes configurações e estruturas familiares implicam diretamente na divisão de tarefas. De acordo com Wagner et al. (2005), coexistem modelos familiares nos quais segue vigente a tradicional divisão de papéis; outros, nos quais maridos e esposas dividem as tarefas domésticas e educativas; e, ainda, famílias nas quais as mulheres são as principais mantenedoras financeiras do lar e, mesmo assim, continuam acumulando a maior responsabilidade pelo trabalho doméstico e pela educação dos filhos.

Mesmo nas casas onde as mulheres têm um ganho financeiro maior que os maridos ou mesmo naquelas onde os maridos estão desempregados, elas realizam uma quantidade muito maior de atividades no trabalho doméstico do que eles, podendo-se inferir que homens e mulheres ainda desempenham distintas tarefas domésticas como se tais atividades fossem próprias de cada um deles. Assim, as mulheres seguem realizando tarefas domésticas, como cozinhar, lavar e passar, enquanto os homens desempenham tarefas domésticas, como carpintaria e consertos elétricos. Ceccarelli (2007) pontua que a Humanidade está sempre em

crise de referências simbólicas, tendo, constantemente, que produzir “reorganizações coletivas” para responder à nova leitura do mundo.

Em estudos realizados por Wagner et al. (2005), observou-se que as mulheres que sustentam a casa, em termos proporcionais ao tempo disponível que possuem, desempenham mais tarefas domésticas do que as mulheres dependentes economicamente de seus maridos e que os maridos dependentes economicamente de suas mulheres, na mesma proporção, realizam menos tarefas que aqueles que sustentam suas famílias. Esses resultados são analisados como um mecanismo utilizado por essas famílias que têm mulheres como mantenedoras financeiras do lar como forma de compensar a expectativa social de gênero. Apontam os autores para a importância de considerar os aspectos históricos que têm organizado as funções familiares ao longo do tempo, no momento de avaliar e intervir na otimização dos recursos que cada família apresenta para enfrentar conflitos. Não se deve como pesquisador querer alcançar um modelo ideal, igualitário e equilibrado de família, entretanto, é fundamental conhecer o contexto de cada família e os valores e significados presentes na definição e distribuição das tarefas e papéis familiares.

3 O PAI NA FAMÍLIA

3.1 SENTIR-SE PAI

A paternidade no homem é sentida desde a infância, quando a criança, nas brincadeiras e jogos infantis, cuida de seus bonecos, desenvolvendo o sentimento de pertencimento. Os momentos na vida em que o homem tem contato com crianças, com cuidado e afeto, também fortalecem o sentimento da paternidade (ZORNIG, 2010). No dia em que o homem recebe de sua companheira a notícia: “Estou grávida... você será papai”, esses sentimentos se concretizam na experiência real, com seu filho ganhando forma e expressão.

O homem e a mulher vivenciam a gravidez com expectativas e ambivalência de sentimentos e, assim, conforme Freitas, Coelho e Silva (2007), a paternidade e a maternidade são permeadas por conflitos determinados pela situação nova que o casal vivencia. Uma gravidez em curso pode gerar diferentes sentimentos – alegria/tristeza, satisfação/insatisfação – vividos por cada casal de forma única. Para alguns casais, essa fase traz alegrias e o desejo de conviver harmoniosamente; para outros, conflitos anteriores se acentuam, muitos deles relacionados com o modo como homens e mulheres compreendem e desempenham seus atributos sociais.

Com o objetivo de entender a manifestação do sentimento de paternidade em homens que vivenciam a gestação de suas parceiras, Freitas, Coelho e Silva (2007) perceberam em suas pesquisas que o modelo em que homens se assumem como pais exercitando a função de prover convive com o modelo do homem que procura ser um “novo pai”, ou seja, aquele cuja ligação afetiva com o(a) filho(a) tem início na gestação e que simboliza a ruptura com a paternidade tradicional.

Para se transitar nos saberes pertinentes a maternidade e a paternidade, devemos tê-los como polos relacionais, como também ao falar de tradição e modernidade, natureza e cultura, e representações sociais e experiências individuais subjetivas, até para se permitir questionar: “será que o pai tradicional não foi, em nenhum momento, um pai afetivo? Que obrigação é essa do pai ter que ser o provedor econômico?. Não se pode negar qualquer tipo de afeto ao modelo tradicional. É importante considerar a dinâmica familiar, as tensões e polaridades.

Vale notar que, ainda hoje a gravidez parece ser um papel exclusivamente materno, sendo o filho exclusividade da mãe, um valor cultural que exclui o pai.

Esses modelos de masculino e feminino, cuja reprodução social se fundamenta na maternagem², inferem um significado ideológico que induz a desigualdades entre os sexos. Dessa forma, as mulheres, como mães, atuam fortemente no campo da reprodução social, pois são elas que educam e repassam aos filhos as ideologias vigentes na sociedade.

Na análise realizada pelos autores citados, alguns homens se sentiam pais a partir da notícia da gravidez, alguns só se percebiam pais em estágio mais avançado da gestação, outros sentiam a paternidade a partir do nascimento do filho e outros, ainda, só foram construindo o ser pai após o nascimento do filho.

Questões emocionais, culturais e familiares influenciam a vivência da paternidade, estabelecendo como será formada a relação entre o homem e a mulher e deles com seus filhos, e embora os homens estejam tentando compreender as novas situações de relacionamento provocadas pelas mudanças nas relações conjugais e parentais, discutindo sua própria identidade social, para que os homens vivenciem a paternidade é preciso que homens e mulheres reflitam sobre seu posicionamento na sociedade, ampliando suas possibilidades de atuação ao se relacionarem.

Após a realização de estudo psicanalítico sobre as expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê, durante a gestação, Piccinini (2009) relata que a relação pai-bebê é estabelecida, durante o período gestacional, por meio da construção de uma imagem mental do bebê e da interação entre ambos, e afirma que este momento vai influenciar a relação pai-bebê após o nascimento. As expectativas de pais e mães em relação ao filho são muito semelhantes, apesar de as mulheres vivenciarem mais as transformações fisiológicas da gestação, já que somente a mulher pode sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo, enquanto a formação do vínculo entre pai e filho costumar ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento e ao longo do desenvolvimento da criança.

Os resultados desse estudo revelaram que o bebê imaginário construído pelas expectativas e representações que a mãe tem do bebê, mesmo antes de seu nascimento e até de sua concepção, está também presente no psiquismo do pai e que uma postura mais permissiva das próprias gestantes poderia facilitar a entrada

² Termo usado para denominar cuidados de mãe.

do pai no processo gestacional, abrindo uma possibilidade de aproximação em relação ao bebê, uma vivência mais direta da gestação, contato este que mobiliza sentimentos e conteúdos inconscientes dos pais. Já a ambivalência de sentimentos vivida por mulheres e homens durante a gravidez, socialmente, esta só é permitida aos pais, pois as mães não recebem apoio social para revelar sentimentos negativos em relação à gestação ou não se mostrarem envolvidas com ela.

Refere o autor a percepção de que a maioria dos homens investigados não teve modelos de pais participativos, mas que isso não os impede de utilizar os cuidados de maternagem recebidos na sua infância para se vincular e cuidar de seu filho.

O pai ocupa um lugar diferente da mãe na gestação e tem um acesso também diferente ao bebê, sendo comumente referido na literatura como terceiro na relação. Pais e mães, além da diferença biológica, exercem funções diferentes e essenciais na constituição psíquica da criança, e é assim que deve acontecer para o seu desenvolvimento saudável. Assim, cabe destacar a natureza e os limites do papel paterno, evitando-se uma equiparação com o papel materno tido como modelo ideal de vinculação com o bebê. Atualmente, várias ações, como as do Instituto Papai³, lutam pelo direito do pai de participar do processo gestacional, do parto, da amamentação e demais eventos que envolvem a relação pai, mãe e filhos.

3.2 A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE

O nascimento do filho simboliza o auge de um processo que se inicia na gravidez, pois é quando o bebê sai do imaginário masculino e começa a ser representado na realidade (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Ter seu filho nos braços, ver no olhar do bebê os seus olhos, são momentos marcados pela emoção.

Barros, Menandro e Trindade (2006) e Lopes (2009) analisaram o itinerário da paternidade em instituições de cuidado neonatal e observaram que, apesar de os pais participarem do cuidado com o recém-nascido no domicílio, as práticas dos

³ O Instituto Papai é uma Organização Não-governamental (ONG) que considera “fundamental o envolvimento dos homens nas questões relativas à sexualidade e à reprodução” e que busca promover a revisão dos sentidos da “masculinidade e dos processos de socialização masculina na sociedade”, contribuindo para a implementação de políticas públicas que visem o envolvimento dos homens no cuidado infantil e em outros processos reprodutivos. Disponível em: <http://www.papai.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=537>.

profissionais delegavam somente às mães a responsabilização do cuidado com o filho, estando os pais praticamente ausentes. No discurso institucional, o pai não era considerado “visita”, mas tinha horário para permanecer nas unidades neonatais, não tendo o direito de ficar nas unidades fora do horário estabelecido. Dessa forma, os pais demonstravam interesse e prazer no cuidado com seus bebês, mas as mulheres, assim como os profissionais de saúde, muitas vezes não compreendiam nem estimulavam os cuidados paternos, afastando os pais do processo de cuidar da criança.

Pesquisa desenvolvida por Cia, Williams e Aiello (2005), que teve como objetivo revisar a produção científica na literatura nacional e internacional indexada entre 1999 e 2003, de estudos empíricos que descreviam o relacionamento pai-filho de pais adultos com filhos de zero a seis anos ou que correlacionavam esse relacionamento com o desenvolvimento infantil, indica que os pais justificam a pouca interação com o filho em função do tempo dedicado ao trabalho; que o pai passa mais tempo cuidando do filho quando este é bebê, do que quando é mais velho, e quando ele está na pré-escola do que quando está na idade escolar; e que as mães se envolvem nos cuidados, alimentação, conforto, afeto e proteção da criança, enquanto os pais estimulam o contato social e instrumental da criança, engajando-a em atividades físicas e lúdicas.

Após pesquisarem o envolvimento paterno de homens residentes em favela no processo da amamentação do filho, Pontes, Alexandrino e Osório (2009) apresentam vários estudos que apontam o companheiro da nutriz como parceiro na decisão e no sucesso da amamentação, mas suas análises mostram que as famílias continuam repassando a ideia de que os homens não fazem parte do mundo em que está inserido o amamentar, de que na amamentação existem somente o filho e a mãe, esta última, por possuir os peitos, de onde jorra o leite: logo, o pai é excluído. Referem, ainda, que a maioria dos pais participantes de sua pesquisa não teve a oportunidade de vivenciar a assistência pré-natal e o nascimento do filho, em pleno século XXI.

Esse paradigma, de que amamentar diz respeito apenas à mãe, que continua sendo apresentado, inclusive, pelos profissionais de saúde e internalizado e reproduzido pelos homens, pode vir a favorecer a interrupção precoce do aleitamento materno. Portanto, é preciso romper com essa construção social que determina um instinto materno, excluindo o pai da relação mãe-filho, reforçando que

a mãe é a única capaz de cuidar dos filhos e que a inserção do pai na maternagem depende da vontade da mãe.

A experiência da paternidade depende também da relação pai-filho vivida por esse pai, no passado, que termina por influenciar o modo como o homem compreende e assume a sua masculinidade. Para a sua realização como pai, o homem busca referências em seu próprio pai (GOMES; RESENDE, 2004) encontrando, na maioria das vezes, o modelo de pai distante e pouco envolvido afetivamente, um referencial de masculinidade ainda hegemônico e, incorporando esse modelo, constrói uma subjetividade distanciada da valorização do afeto, ao mesmo tempo em que tem na sua mãe o exemplo de cuidado. A mudança desse quadro, todavia, não depende somente do desejo intrínseco do homem de ser um “novo pai” ou um “pai contemporâneo”. É oportuno ressaltar que as responsabilidades sociais impostas ao pai provedor também lhe trazem prejuízos no campo da subjetividade, pois, mesmo o homem tendo mais possibilidades de ação especialmente no campo das relações familiares, tais ações são exercidas sob rígidos parâmetros (TORRÃO FILHO, 2005). Assim, a questão da paternidade ultrapassa os limites da família e se torna um campo concreto de discussão no âmbito das políticas públicas.

Culturalmente, a maternidade está intimamente ligada ao cuidar e a manifestações afetivas para com o(s)/a(s) filho(s)/a(s). A boa mãe é aquela que cuida, dá carinho e alimenta. Por sua vez, a paternidade segue caminho oposto ao da maternidade, sendo associada ao papel de provisão material, exortação, configurando o bom pai como aquele que não deixa faltar o alimento e dá lições para a vida ao(s)/à(s) filho(s)/a(s). Esses comportamentos, frutos de estereótipos de gênero, desvalorizam a participação do homem na gravidez, por reproduzir a máxima de que gestação é “coisa de mulher”, não havendo surpresa quando alguns pais precisam ver para crer. Agindo assim, os pais se excluem da responsabilidade pela vida do(s)/a(s) filho(s)/a(s) durante a gravidez, por não se sentirem parte dela (LOPES, 2009). Para o pai, a primeira responsabilidade social é com o provimento financeiro da família, o que significa que ser pai não é só ter filhos, mas conseguir mantê-los. Com isso, o trabalho remunerado é a referência fundamental para o exercício da paternidade sendo a sua contribuição emocional raramente vista como de igual importância. (LOPES, 2009).

Os resultados da pesquisa de Silva e Piccinini (2007), que buscou compreender os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno de homens casados que tinham um único filho em idade pré-escolar, revelaram a divisão de responsabilidade dos pais no cuidado com as crianças. Mostrando-se satisfeitos com a paternidade, os pais acreditavam na importância de sua participação na vida dos filhos e, embora ainda não se possa falar de um grande crescimento quantitativo de envolvimento paterno, já se pode perceber, atualmente, um maior desejo de participação paterna no cuidado de seus filhos, porém, com características ainda associadas à figura materna. Quanto à participação dos pais no dia a dia das crianças, esses vivem um conflito entre a paternidade ideal e a real. Os pais que participaram do referido estudo tinham elevado nível de escolaridade, característica que, para os autores, pode também ter influenciado os resultados encontrados.

Uma pesquisa que deve dar destaque aos estudos sobre a participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos é o Projeto Cuidar⁴, que vem contribuindo para uma reflexão multidisciplinar sobre paternidade e maternidade, acessando debates sobre gênero e sobre o processo de reconstrução da figura paterna. Esse projeto, um *survey* domiciliar tendo pais e mães como unidades de análise e utilizando um questionário estruturado, que foi aplicado em 300 pessoas, ou seja, maridos e esposas de 150 famílias com um ou mais filhos, foi desenvolvido na cidade de Salvador, BA. A amostra constituiu três grupos:

Grupo 1: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais e mães com até 29 anos de idade, e filho(a) caçula acima de seis meses e que ainda utiliza fralda.

Grupo 2: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais e mães entre 30 e 45 anos, sendo que as famílias de nível socioeducacional médio alto, 13 tinham filho(a) caçula pelo critério acima e 12 tinham filho(a) caçula com idade maior que 15 anos, e as famílias de nível socioeducacional baixo, 12 tinham filho(a) caçula pelo critério acima e 13 tinham filho(a) caçula com idade maior que 15 anos.

⁴ O Projeto Cuidar é uma ampla pesquisa que foi desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL entre 2006 a 2011 com apoio do CNPq e que envolveu todo o corpo docente e alguns alunos do Programa com a coordenação das Professoras Dra. Ana Maria Almeida Carvalho e Dra. Mary Garcia Castro.

Grupo 3: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais com idade superior a 45 anos, com filhos com idade maior que 15 anos.

O Projeto Cuidar analisou a participação dos cuidadores em termos de frequência bruta e ponderada e observou que os cuidadores principais, por ordem de frequência, são a mãe, o pai, a babá e a avó. Na análise por tarefas, ressaltou que a mãe aparece com frequência alta em todas as tarefas e o pai aparece sempre com frequência abaixo da mãe e apresenta maior frequência em brincar/distrair. Os resultados poderiam indicar a presença de valores e crenças relativos à maior competência do sexo feminino em tarefas de cuidado.

3.3 A “NOVA PATERNIDADE”

Jablonski (1998) fala de mudança por parte dos pais quanto às suas funções, inferindo uma nova “cultura da paternidade” pela qual o pai está presente na criação conjunta dos filhos. No entanto, na prática, poucas alterações aconteceram e enquanto as mães se “digladiam” com seus filhos na alimentação, banho, cuidados corporais e vestimenta, os pais aparecem mais na “hora do recreio”, em atividades ligadas ao brincar. Assim, o autor questiona o que é considerado característico do pai e mostra que os homens aumentaram sua participação em casa, principalmente pais com menos de 30 anos de idade ou aqueles com filhos em idade pré-escolar.

Lopes (2009) relata que, a partir da década de 1970, a paternidade surge como um objeto particular de investigação, sendo a participação mais efetiva dos pais no cotidiano familiar e no cuidado com os filhos nomeada “nova paternidade”. Os resultados de sua pesquisa mostram a diversidade de contextos existentes sobre o cuidado dos pais com seus filhos, confrontando conceitos cultural e socialmente já estruturados e surgem novas práticas de saúde voltadas para o pai. Pode-se constatar, assim, que, ao mesmo tempo em que se abrem as possibilidades para um “novo pai”, muitas vezes, essa expressão da paternidade não é compreendida nem estimulada por parte das mulheres e da equipe de profissionais de saúde no itinerário das unidades neonatais.

Sutter e Bucher-Maluschke (2008) estudaram pais que estivessem vivenciando a etapa do ciclo vital familiar com filhos pequenos, discutindo sobre os

significados atribuídos à paternidade e à masculinidade de homens que experimentam uma relação mais próxima e participativa na criação dos filhos. Relatam que o pai vive sentimentos ambíguos entre tentar preservar o lugar tradicional de chefe e provedor da família, dando pouca atenção aos filhos, e cuidar deles, ainda que não seja de forma rotineira. Independentemente de como o pai atua, a mãe é vista como o principal cuidador e, no entanto, os pais que participam do cotidiano e do crescimento dos filhos se envolvem ativamente nesse cuidado, considerando esta tarefa tão importante quanto a profissional.

Informam Sutter e Bucher-Maluschke (2008) não haver um consenso entre os pesquisadores sobre o conceito “nova paternidade” e descrevem o fenômeno citando Ménard (2000) para quem o termo “nova” traz alusão ao modo como os sentimentos são manifestados, com o pai mais íntimo fisicamente, tendo como exemplo, o pai embalando o bebê. O fenômeno realmente novo é o pai capaz de se envolver nos cuidados com os filhos pequenos, disponibilizando tempo e dedicação não apenas para o trabalho, um modelo em que a paternidade é priorizada em relação a outras áreas da vida.

Enfatizam as autoras que esses “novos pais” são os homens adultos que tiveram na infância um pai ausente e sem afeto, sugerindo que estes tenham tido alguma outra referência paterna embasada em um modelo mais afetivo de masculinidade. Os resultados dessa pesquisa mostram pais que expressam sentimentos de muito apego para com os filhos, comumente associados às mulheres. Esse envolvimento também está associado a experiências anteriores desses pais em relações de cuidado ou afinidade com crianças, inferindo nos homens a capacidade de sentimentos relacionados ao cuidar, desde a infância. No entanto, na maioria das falas masculinas, as funções de prover e proteger ainda são tidas como principais.

A associação do homem cuidando do seu bebê é feita com base na imagem da mãe, devido à falta de imagens masculinas exercendo este papel, o que mostra que a família, muitas vezes, naturaliza seus papéis sem questionamentos. Assim, ao se perceber que os homens podem ser afetivos e capazes de cuidar dos filhos, estes atributos podem se tornar, então, também masculinos, pois a paternidade, para as autoras citadas, é vivida por homens que amam, se emocionam, se sensibilizam, sofrem e sentem prazer na relação com os filhos.

Bustamante e Trad (2005) focalizam em seu estudo a participação paterna no cuidado da saúde de crianças menores de seis anos em famílias de camadas populares. Sua pesquisa identifica nas famílias e, de forma expressiva, nas famílias nucleares, o pai, física e emocionalmente, mais próximo dos filhos. Com base na divisão sexual do trabalho, homens e mulheres cuidam dos filhos de formas diferenciadas. Nas famílias de camadas populares, a definição dos papéis está marcada segundo a divisão sexual do trabalho e as relações hierárquicas entre homens e mulheres e entre pais e filhos, mesmo quando a mulher desenvolve trabalho remunerado e o homem está desempregado. Seus resultados constataam que o pai é o provedor, a autoridade, e fica fisicamente com o filho sem participar de cuidados cotidianos. Dessa forma, quando, por necessidade, os pais oferecem cuidados como dar banho, dar comida, entre outros, eles se consideram, e são considerados pelas mulheres da família, como ajudantes.

As citadas autoras trazem o conceito do “novo pai”, de uma paternidade na qual o homem expressa sentimentos e participa ativamente no cuidado dos filhos, estabelecendo com a companheira um relacionamento de igualdade e flexibilidade na divisão de tarefas. O discurso é contraditório, pois cria a expectativa de um homem, ao mesmo tempo, provedor, trabalhador e presente em casa no cuidado da criança.

Os estudos de Bustamante e Trad (2005), apoiados na perspectiva de Ayres, descrevem o cuidado como a preocupação com as necessidades básicas, o afeto, a satisfação de demandas e a dedicação ao filho e trazem reflexões que mostram que, quando os homens não são provedores econômicos de seus filhos, eles se afastam deste contato não por falta de interesse, mas como consequência da imposição social na divisão sexual do trabalho. Caso haja denúncia, na lei brasileira, o pai que não proveja economicamente seu filho pode ser preso por não pagar a pensão alimentícia.

Bustamante (2005), quando da realização de um estudo de cunho etnográfico, com homens de camadas populares pais de crianças menores de seis anos, procurando conhecer suas vivências em torno da paternidade, observa que este sentimento não está determinado pelo laço biológico com a criança, mas sim fortemente influenciado pela qualidade da relação com a parceira e pela própria experiência como filho.

Como já mencionado, prover é condição necessária para que o pai possa ter com os filhos uma relação afetiva da qual, porém, os cuidados corporais tendem a estar excluídos, por ser esta uma atribuição considerada feminina. Seus estudos identificam o “novo pai” como um fenômeno de classe média, salientando que tal conceito limita a paternidade à forma pela qual os homens se envolvem no cuidado com os filhos, e mostram que, para os homens, as mulheres “naturalmente” devem cuidar dos filhos: elas nascem para isto. Ressalta, no entanto, que isso é pensado de forma diferente em função do país, da classe social e da idade. Conclui Bustamante (2005) que o desejo de se aproximar afetivamente dos filhos está presente em todas as camadas sociais.

Os sentimentos de plenitude, de recompensa e de felicidade decorrentes do nascimento de um filho são bastante propagados pela mídia, segundo Jablonski (1998), o que pode provocar, em um casal, sentimentos de culpa, ao se ver atribulado por apreensões e conflitos e por não ter aquela felicidade prenunciada. Mesmo que seja em proporções distintas, não se pode negar os anos de investimento, de proteção e de cuidados dedicados pelos pais aos seus filhos.

Em pesquisa que buscou conhecer os discursos da mídia sobre paternidade e seus efeitos nos modos de subjetivação, Hennigen (2010) afirma que, no Ocidente, um filho representa um grande encargo financeiro para os pais e que, atualmente, ter filhos é uma decisão guiada por necessidades psicológicas e emocionais, além do que a mídia vende a ideia de que os filhos são a razão de viver de pais e mães e que, para se desenvolverem plenamente, necessitam ter o pai por perto.

Segundo a autora, a identidade do pai foi se construindo nas diferenças de gênero. Pais e mães têm papéis sociais distintos, estagnados e hierarquicamente desiguais: o pai teria como funções proteger a mãe durante a gestação e o início da vida do filho; ajudar o filho a se separar da mãe (evitando a continuidade da relação narcísica e indiferenciada, estabelecida após o nascimento); e, por fim, ajudar a criança a perceber as diferenças entre as figuras parentais e intergeracionais, oferecendo-se como modelo de identificação para o filho e de companheiro para a filha.

Salienta, ainda, Hennigen (2010), que os estudos feministas e de gênero questionam os papéis de homens e mulheres na sociedade e mostram que não são condições naturais, mas construções culturais travadas por relações de poder. Em

alguns comerciais, já se apresenta a ideia do “novo pai”, de que o compromisso mais importante de um homem é ser pai e se constata a tensão entre ter de trabalhar e ter de ser um pai presente. Deste modo, se as crianças nascessem em um ambiente onde seus pais compartilhassem os cuidados, provavelmente aprenderiam uma nova forma de se relacionar não mais excludente, mas sim de cooperação.

Souza e Benetti (2009) realizaram um estudo que teve como objetivo verificar a incidência de artigos internacionais e nacionais sobre o tema “paternidade”, no período de 2000 a 2007, e identificaram 2.205 trabalhos indexados nas bases de dados Lilacs, Scielo, Web of Science, Medline, Redalyc, verificando que o tema paternidade é foco importante para a compreensão das relações familiares e questão fundamental para a implantação de políticas públicas de apoio às famílias em diferentes contextos. De acordo com as autoras, o “novo pai” passou a ser representado na literatura, televisão, filmes e revistas como o pai mais envolvido emocionalmente, mais participativo e comprometido com suas crianças e tão capaz quanto a mãe na educação dos filhos. Entretanto, ainda coexistiam no imaginário social marcas da estrutura tradicional do pai provedor. As tensões persistem na transição do antigo ao novo.

Freitas et al. (2009) analisaram, em João Pessoa-PB, os significados atribuídos à paternidade por homens que são pais. Seus estudos divulgaram a concepção da paternidade como um novo encargo social, vinculando-a mais à provisão material da família do que ao espaço de envolvimento afetivo com o(s)/a(s) filho(s)/a(s). Entretanto, os participantes experimentavam um processo de transição no qual o pai tradicional convivía com aqueles que tinham a dimensão afetiva da paternidade como eixo central de sua preocupação do ser pai. As posições sociais dos sujeitos deste estudo não se limitaram ao aspecto financeiro do provimento paterno, havendo uma visão de ruptura com a paternidade tradicional, ao incluir em sua fala, aspectos vinculados ao envolvimento afetivo e ao cuidado no mundo familiar mostrando ser necessário que homens e mulheres repensem suas atribuições sociais, favorecendo as mudanças na vivência da paternidade e da maternidade e sugerindo uma divisão equitativa de responsabilidades.

Apontando para mudanças de paradigma, mostram que alguns homens começam a se preocupar em paternar o filho, acompanhando de perto seu desenvolvimento, realizando cuidados que socialmente são considerados femininos,

e constatam que o provedor afetivo vem surgindo no provedor material. A paternagem pode colaborar para a ruptura de estereótipos de uma masculinidade insensível e intocável, de forma que pais e mães possam compartilhar os cuidados e estreitar os vínculos afetivos com os filhos.

Muitos homens começam a rever suas posturas quanto à criação dos seus filhos. Atualmente, o pai busca, além da obrigação de prover recursos materiais, compartilhar com sua parceira os cuidados afetivos e emocionais na relação diária com seus filhos. Ele quer estar presente no parto, trocar fraldas, dar de mamar com a mamadeira, colocar o filho para dormir, contar histórias, levar o filho para a escola, ou seja, relacionar-se ativamente com seus filhos de forma cuidadosa e afetiva. É importante, também, levar em conta que o “ser afetivo” do homem não pode ser avaliado somente a partir da maternagem, mas a partir dos próprios pais.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O percurso metodológico desta pesquisa parte da busca bibliográfica, com o levantamento de obras de referência sobre o estudo de família e paternidade. De posse de uma variedade de trabalhos associados ao tema, foram estabelecidas leituras que incluíssem as representações sociais (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2001), teoria que vem sendo utilizada por diversos autores como Trindade, Andrade e Souza (1997); Lyra e Medrado (2000); Arruda (2002); e Araújo e Scalon (2005), com o objetivo de compreender a paternidade por um viés psicossocial.

A fluidez de conceitos da representação social com seus múltiplos enunciados é alvo fácil da crítica, que acusa as metodologias variadas e pouco amarradas dessa teoria. Moscovici costuma responder a tais críticas afirmando tratar-se de uma fluidez proposital que visa permitir o desenvolvimento da teoria e a criatividade dos pesquisadores, na medida em que o interesse maior seria a descoberta e não a verificação, a comprovação. (ARRUDA, 2002).

Os fatores biológicos e ambientais atingem, de modo crescente, nossa vida cultural. No mundo contemporâneo, a natureza e a cultura se misturam, tornando-se objetos de intervenção social. O tema da paternidade permitiu uma revisão de valores e normas culturais, explicando como nossas decisões e escolhas provocam mudanças na sociedade, para uma nova produção de consciência social e para uma mudança de perspectivas.

Esta pesquisa considerou um objeto de estudo capaz de explicar o componente emocional na experiência dos sujeitos, buscando respostas através da análise qualitativa (MELUCCI, 2005) porque esta forma de pesquisa coloca à disposição dos atores sociais uma prática mais próxima de sua experiência, mais presente no campo do seu agir e caracterizada por uma latente busca de relações, facilitando, assim, a conexão entre as questões teóricas e os problemas práticos da situação contemporânea relacionada à paternidade.

Neste estudo, pode-se observar que os comportamentos e atitudes dos pais com os filhos estão diretamente relacionados aos significados por eles apreendidos e interiorizados sobre masculinidade, paternidade e cuidado com filhos pequenos. É na interação com o outro que o pai entrevistado representa as coisas. Assim, leva-se em consideração os sentidos que ele constrói para vivenciar a paternidade através

das representações sociais, teoria que propicia o entendimento da expressão do conteúdo na fala dos pais entrevistados.

Considerando o propósito da pesquisa, de explorar as relações entre pais e filhos segundo o repertório dos pais, recorreremos à técnica de entrevista, selecionando os sujeitos com base nos seguintes critérios: residir em Salvador; ter pelo menos um(a) filho(a) com idade até três anos e morar na mesma residência do(s) filho(s) e da companheira; aceitar participar do estudo; autorizar o uso do gravador; e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A idade dos participantes do estudo variou de 26 a 33 anos; todos eram alfabetizados: três com Escolaridade Superior Completo, um com Ensino Médio Completo e dois com Ensino Médio Incompleto; o relacionamento predominante com a parceira foi a união estável; e, por ocasião da pesquisa, todos os entrevistados tinham, pelo menos, um(a) filho(a) com idade de até três anos.

Não se pretendeu alcançar, com a seleção de seis sujeitos de pesquisa, uma amostra representativa, mas uma perspectiva de aprofundamento sobre casos que comumente não são tão referidos, como os de pais cuidadores. Nesse sentido, a perspectiva aqui é levantar questões, apontar diversidades de situações no universo da paternidade e não necessariamente indicar tendências ou extensões de um tipo de paternidade na sociedade. De fato, a decisão por apenas seis pais entrevistados se deu por opção de aprofundamento sobre o tema via pesquisa qualitativa, no espaço limitado de elaboração de uma dissertação.

A escolha do perfil etário desses participantes se justifica por terem nascido a partir da década de 1970 quando os estudiosos investiam nas reflexões e debates sobre o conceito de paternidade, construindo teorias com investigações mais abrangentes (LAMB, 2000 apud BALANCHO, 2004), uma década em que se observou uma crise econômica e política no processo de redemocratização do Brasil.

Nos últimos trinta anos, o avanço tecnológico em relação às opções contraceptivas e a inserção da mulher no mercado de trabalho podem ter contribuído para o declínio da natalidade e para o exercício da “paternidade responsável”, ou seja, a utilização voluntária e consciente, por parte do casal, do planejamento do número de filhos, visto que as mulheres de classe média e alta dispunham de recursos e informações para evitar uma gravidez não desejada e as famílias

brasileiras mais carentes passaram a ter acesso a contraceptivos distribuídos pelo Estado. (BEMFAM, 1980 apud COELHO, 2005).

A partir dos anos 1980, começaram a acontecer mudanças nos comportamentos e atitudes do pai na relação com os filhos e na vida familiar assim como mudanças no papel desempenhado pelas mães e na educação dos filhos, tendo estes passado a frequentar escolas e creches (BALANCHO, 2004). As transformações na família tradicional nuclear, influenciadas pelo contexto socioeconômico e político nacional descrito acima, possivelmente motivaram os pais entrevistados no que diz respeito ao cuidado com os filhos.

Foram escolhidos pais casados legalmente ou não, porém, vivendo sob o mesmo teto que a companheira e os filhos, porque esse arranjo permite analisar também as nuances da relação conjugal no cuidado com filhos pequenos, verificando qual a influência da companheira nesta relação e avaliando como se dá a divisão de trabalho e de poder entre eles.

A opção com relação à idade do filho se deu em função de que, durante os primeiros dois ou três anos de vida, as crianças são totalmente dependentes dos pais no que se refere à satisfação de suas necessidades. Nesses primeiros anos, os pais têm a responsabilidade maior de responder às múltiplas necessidades de seus filhos e de assegurar que aprendam gradualmente a desenvolver as próprias responsabilidades.

De acordo com os aspectos éticos apontados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), este estudo considerou as diretrizes para pesquisa com seres humanos que visam à proteção dos direitos dos envolvidos (BRASIL, 1996). Assim, por ocasião do convite aos homens para a participação na pesquisa, foi-lhes garantido: anonimato, sigilo sobre suas informações, direito de desistência em qualquer etapa da pesquisa, acesso à pesquisadora e aos resultados do estudo. Assim, em função do anonimato, utilizamos a identificação **Pai** seguida de um número de ordem, de **1** a **6**, para a identificação dos entrevistados.

Recorreu-se à técnica de entrevista aberta, com um roteiro semiestruturado (Apêndice B) e a utilização de Diário de Campo (Apêndice C). A coleta de dados foi realizada em horários e locais escolhidos pelos participantes, dentre os quais, residências, locais de trabalho e creche do(a) filho(a).

Os sujeitos foram instigados a falar de quando eram filhos; sobre a relação com sua família de origem; da sua família constituída e do vínculo com sua

companheira e seus filhos; de quando conheceu sua companheira; do momento em que soube que iria ser pai; das expectativas durante a gravidez da companheira; do dia do nascimento do filho; da escolha do nome para o bebê; das responsabilidades que adquiriram; dos cuidados com sua(s) criança(s); dos sentimentos que nutriam, do investimento que fizeram; das mudanças provindas da experiência com a paternidade; das perspectivas que têm em relação aos filhos; e da sua relação afetiva com eles. (Apêndices B e D).

Para a organização e apreciação dos dados coletados, os depoimentos dos sujeitos do estudo foram analisados, conforme já explicitado, segundo a técnica de Análise do Conteúdo (AC), que propicia explorar todas as ambiguidades e nuances da linguagem, produzindo inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada, construindo categorias de análise, e com a qual se pode reconstruir visões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos, segundo Bauer.

As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento. Para reconstruir esse conhecimento, a AC pode necessitar ir além da classificação das unidades do texto, e orientar-se na direção de construção de redes de unidades de análise para representar o conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações. (2003, p. 194).

4.1 MÉTODO

4.1.1 Participantes

Como procedimentos de coletas de dados, foram realizadas seis entrevistas individuais com pais nascidos a partir do final da década de 70 até 1985, sendo utilizado o Diário de Campo (Apêndice C) para registrar as impressões obtidas no neste contato. Participaram deste estudo seis pais que residiam em Salvador e em função do aumento, a cada dia, da taxa de coabitação fora do casamento, foram selecionados pais casados ou não, que viviam sob o mesmo teto que a sua cônjuge e seu(s) filho(s). A idade das crianças variava entre quatro meses e três anos.

Foram feitos vários contatos com pais que desempenhavam algum tipo de cuidado com os filhos em escolas, creches, shoppings, por indicação de conhecidos,

para a participação na pesquisa e, após várias negativas, seis entrevistas foram concluídas.

Seguindo a ordem de realização das entrevistas, o primeiro pai (Pai 1) foi localizado por indicação de uma pessoa conhecida que, informando que se tratava de um pai cuidador, me forneceu o seu contato telefônico. O segundo pai (Pai 2) foi selecionado dentro do Projeto Cuidar, onde ele tinha se colocado disponível para novas pesquisas. Em um shopping de Salvador, encontrei o terceiro pai (Pai 3), com o filho no colo enquanto a esposa pegava um lanche. Apresentei-me, falei dos objetivos da pesquisa e trocamos contato telefônico para posterior realização da entrevista. O quarto pai (Pai 4) tem a mesma situação do segundo. O quinto e o sexto (Pai 5 e Pai 6) foram localizados levando os filhos para uma creche em Salvador, quando me identifiquei e apresentei a proposta da pesquisa, realizando a entrevista *in loco*.

Assim, buscando mostrar o que parece acontecer nos diferentes níveis socioeducacionais, a respeito de paternidade e do cuidado com filhos pequenos, este estudo escolheu três pais de nível médio/alto e três de nível baixo, considerando que a combinação de critérios como escolaridade (superior e ensino fundamental) e faixa de renda familiar são indicadores do nível socioeducacional, ou seja, do padrão de vida, e marcam desigualdades sociais. A partir deste entendimento, com base na escolaridade, profissão e condições de moradia, consideramos pais com nível socioeconômico médio/alto os que têm escolaridade superior completa ou incompleta e renda familiar acima de 5.000 reais; e pais com nível socioeconômico baixo aqueles que têm escolaridade de nível fundamental completa ou incompleta e renda familiar abaixo de 1.400 reais.

Foram escolhidos pais casados, para permitir analisar também as nuances da relação conjugal no cuidado com filhos pequenos, verificando qual a influência da companheira nesta relação e avaliando como se dá a divisão de trabalho e de poder entre eles.

O Quadro 1 traz a apresentação das características demográficas dos participantes, esclarecendo que a condição de casamento não sugere legalização da união ou ritual religioso e sim coabitação, união estável entre os pares, e sendo que o salário mínimo na época do estudo era de R\$ 545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais):

Sujeito	Resid.	Idade (em anos)	Escola- ridade	Profis- são	Estado Civil	Nº de Filhos	Filho Caçula		Renda fam. (SM)
							Idade	Sexo	
Pai 1	SSA	33	Superior	Admin.	Casado	3	1 ano	Fem.	15
Pai 2	SSA	29	Superior	Médico	Casado	1	2 anos	Masc.	10
Pai 3	SSA	26	Superior	Engen.	Casado	1	4 meses	Masc.	10
Pai 4	SSA	26	Médio Compl.	Motorista	Casado	1	3 anos	Fem.	2
Pai 5	SSA	26	Médio Incompl.	Relojoeir o	Casado	1	3 anos	Masc.	1-2
Pai 6	SSA	27	Médio Incompl.	Chaveiro	Casado	1	2 anos	Fem.	1-2

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos pais entrevistados

Esta pesquisa optou por construir módulos, garantindo a eficiência e a coerência dos dados a serem analisados. Um módulo é um bloco bem estruturado de um referencial de codificação que é usado repetidamente. A construção de módulos foi empregada para codificar múltiplos atores e múltiplos temas. (BAUER, 2003).

4.1.2 Procedimentos

O primeiro contato com os pais foi realizado pela pesquisadora, pessoalmente e por telefone, momento em que foi feita a apresentação, explicando os objetivos da pesquisa e garantindo o direito ao sigilo e a opção em não participar do estudo. Aqueles que aceitaram participar, marcaram, em seguida, um encontro para a realização da coleta de dados em local definido por cada um deles. Nesse momento, a cada participante foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), sendo, posteriormente, realizada a entrevista.

As questões norteadoras que subsidiaram a pesquisa foram: qualidade do relacionamento com a família de origem, com a companheira e com o filho, história da criança, cuidado paterno e envolvimento do pai com o filho. As questões eram apresentadas aos pais seguindo a sequência de temas exposta acima, de modo que a entrevista abordava desde a infância do entrevistado até o casamento e o dia a dia dos pais com os filhos, para entender a dimensão relacional na interação com seus genitores, com sua cônjuge e com seus filhos e de que forma essas relações os influenciaram na paternagem e discutir temas mais subjetivos, como o significado que davam à paternidade vivenciada e o que sentiam pelos filhos.

Cada tema era constituído por questões abertas, porém, quando necessário, foram utilizadas sub-questões para a obtenção de maiores esclarecimentos. A entrevista durava aproximadamente uma hora e era gravada sendo, posteriormente, transcrita.

As respostas dos pais a essa entrevista foram examinadas pela Análise de Conteúdo (AC). Na técnica da entrevista, o pesquisador, ao pedir que os entrevistados contem sua história, investiga, além de dados como idade, como vivem e em que trabalham, também o que eles pensam ou sentem sobre determinado tema. Suas falas trazem alusão “aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam” (BAUER, 2003, p. 189).

A Análise de Conteúdo possui a vantagem de ser sistemática e pública, podendo ser um caminho para estabelecer tendências sociais. Sua desvantagem está na inexatidão de interpretações nas separações de unidades de análise, nas citações fora de contexto e no descuido do que é raro e do que está ausente. “A Análise de Conteúdo constrói paradigmas de sentido potencial, em vez de compreender o sentido real” (BAUER, 2003, p. 213).

Portanto, adotei a técnica da Análise de Conteúdo por possibilitar apreender os significados que envolvem a paternidade a partir da codificação do conteúdo das falas dos entrevistados.

5 CONSTRUINDO CATEGORIAS DE ANÁLISE

O tema da paternidade vem sendo estudado, porém muitas questões continuam em aberto, diante da dificuldade de se perceber o pai de *per si*. O cuidado com os filhos, geralmente, traz uma alusão à mãe e assim, o homem no papel de pai é visto com um tipo de preconceito social, como um ser relacionado à mãe. Na literatura, é espantosa a quantidade de estudos em relação à parentalidade do ponto de vista da mãe e, no entanto, existem poucos estudos que recorrem à fala do pai. No Brasil, esses estudos são embrionários.

Por princípio, esta pesquisa valoriza que o pai seja visto por si mesmo. Quando se entra no site de pesquisa, www.google.com, colocando a palavra “paternagem”, o programa não a reconhece e tenta corrigi-la afirmando “você quis dizer maternagem”, trazendo essas palavras como sinônimas. Paternagem e maternagem, porém, não sugerem o mesmo significado; nem paternidade, *fatherhood*, ou paternagem, *fathering*. A paternidade diz respeito a um papel social, de estatuto jurídico. Já a paternagem é uma palavra relativamente nova com a qual, de acordo com as representações sociais, tentamos nos familiarizar trazendo conteúdos pré-existentes, como o conceito de “pai”.

No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1993), “pai” é descrito como “o que tem um ou diversos filhos; genitor; chefe de uma linha de descendentes; criador”. Portanto, sugere-se que paternagem, *fathering* seja tudo o que se refere a cuidados, ao envolvimento com os filhos, às práticas paternas e ao processo de ser pai.

A metodologia da Análise de Conteúdo possui um discurso elaborado sobre qualidade e se preocupa com a fidedignidade, a validade, a coerência e a transparência de sua prática. Foi buscando valorizar a fala dos pais que as entrevistas realizadas investigaram as diferentes perspectivas dos pais entrevistados sobre suas próprias histórias, buscando compreender questões como: de que forma o homem assume a paternidade; quais os principais valores que norteiam o homem no exercício da paternidade; e como se apresenta a subjetividade do pai.

Para responder a essas questões, a partir da teoria e do material de pesquisa foram construídas as categorias e um referencial de codificação os quais interagem entre si. A teoria e o problema carregam em si os preconceitos do pesquisador e são os responsáveis pela seleção das categorias provindas do texto.

A partir das transcrições das entrevistas, formou-se o corpus que pode ser manuseado para fornecer respostas às perguntas do pesquisador. (BAUER, 2003).

As categorias temáticas, criadas com base na literatura revisada e também na falas dos pais entrevistados, foram: significado da paternidade, cuidado paterno e sentimentos de pai. “Embora o corpus de texto esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa” (BAUER, 2003, p. 199).

Para maior visibilidade da fala dos próprios pais, observando desejos, sentimentos, realizações, conflitos e dificuldades na interação com seus filhos, as representações sociais formaram o alicerce necessário para esta pesquisa, pois, nesta teoria, o senso-comum ganha força e o que poderia ser visto antes, como uma opinião sem consistência, confusa e equivocada sobre o tema, é sistematizado. O conhecimento do cotidiano recebe forte apoio sociológico e dos processos subjetivos. As representações sociais rompem com a ideologia binária que coloca fronteiras entre razão e emoção, pensamento e ação, natureza e cultura, ciência e senso comum. Dessa forma, salientam a importância das dimensões subjetiva, afetiva e cultural na construção do conhecimento e do fazer científico. (ARRUDA, 2002).

Moscovici considera que

[...] todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou ‘pré-concepções’. (2004, p. 242).

Esta pesquisa inicia seu processo de codificação dos dados recorrendo às respostas obtidas sobre a família de origem dos pais entrevistados. Para isso, percebe-se nas representações sociais o que os entrevistados trazem de seus próprios pais e como foram transmitidas as representações do passado para o presente.

A fala dos pais foi organizada em categorias temáticas que privilegiaram as particularidades dos entrevistados, apresentando o que se mostrava coeso e desarmônico entre eles, não se prendendo às frequências.

5.1 SIGNIFICADO DA PATERNIDADE

A primeira categoria temática, denominada “significado da paternidade”, diz respeito às representações construídas ao longo da vida do entrevistado sobre o que é ser pai. Esta categoria envolve duas subcategorias: a primeira, a avaliação do relacionamento com a família de origem, inclui a fala dos entrevistados a respeito das atividades (de cuidado ou lazer) que foram realizadas por seus próprios pais e a qualidade da relação com a família de origem (Quadro 2); a segunda, a descrição de imagens criadas da paternidade, é trazida pelos pais entrevistados ao responderem às questões “Ser pai é...?” e “Um pai para uma criança é...?”, falando o que lhe vier à mente, de forma livre. Essa descrição engloba se eles foram e o quanto foram influenciados pelos valores dos seus pais e quais os exemplos dos pais que foram seguidos e/ou evitados, trazendo informações de como eles se consideram como pais e como eles representam o pai ideal.

Para maior compreensão de como se configurava a família de origem dos pais entrevistados, foi elaborado o Quadro 2:

Sujeito	Pai/Mãe	Cuidador	Relação com o pai
Pai 1	Casados	Mãe	Pai ausente (trabalhando): “é o meu melhor amigo”
Pai 2	Casados	Mãe e babá	Pai ausente (trabalhando): “trazia um brinquedinho...”
Pai 3	Separados	Mãe/Avós Maternos	Pai ausente: “Meu pai não acompanhou meu crescimento”
Pai 4	Separados	Mãe	Pai ausente: “um cachorro”
Pai 5	Separados	Mãe/Irmã mais velha	Pai ausente: “não conheci”
Pai 6	Separados	Mãe/Vizinhos	Pai ausente: “violento”

Quadro 2 – Dados da família de origem

5.1.1 Avaliação do Relacionamento com a Família de Origem

Pai 1

Relata que sua família de origem é:

– *Emocionalmente equilibrada, sem separações.*

Na fala deste pai, pode-se observar a relação entre família, equilíbrio e casamento (LÉVI-STRAUSS, 1982), evidenciando a importância do casamento

monogâmico como a instituição familiar que promove equilíbrio aos seus membros. Ao relatar sobre os cuidados de seus pais com ele, diz:

– *Meu pai trabalhava viajando e, por conta disso, esteve ausente. O grande peso das responsabilidades do dia a dia era de minha mãe.*

Seu pai tinha a função de prover e a sua mãe de cuidar. Ao comentar sobre a relação dele com seu pai, diz que é *fantástica*, de *amizade*, caracterizando-a como *uma relação de abertura*, em que *há respeito, mas também brigas, sem ultrapassar os limites de quem é o pai e quem é o filho*, ou seja, *a questão da hierarquia*. Sobre sua mãe, verbaliza que tem com ela *uma relação maravilhosa*, e diz:

– *Como toda mãe, ela não aceita que eu já tenha minha vida própria.*

Seus relatos descrevem um modelo de família organizado com base na hierarquia, como descrito nos estudos de Gomes e Resende (2004), ao mesmo tempo em que trazem aspectos relacionados ao envolvimento paterno, como a amizade e o bom relacionamento com o pai (SILVA; PICCININI, 2007).

Pai 2

Informa que seus pais sempre foram casados, sempre moraram na mesma casa. Seu pai trabalhava em turno integral, sua mãe trabalhava só meio turno e tinha uma babá que cuidava dele no período em que sua mãe trabalhava. Embora o Pai 2, tal como o Pai 1, traga dados de uma família de origem pautada no modelo tradicional de família, pode-se perceber uma nova configuração familiar na qual a mãe, além de cuidar dos filhos, ingressa no mercado de trabalho, necessitando, portanto, compartilhar com outra mulher esse cuidado, no caso, uma babá.

Coloca que era bom quando seu pai chegava do trabalho, pois sempre trazia alguma coisa que ele pedia, um brinquedo. Nos finais de semana, seu pai era mais presente e o vínculo entre eles era forte. Eles brincavam juntos. No entanto, relata que seu pai não participava de sua educação e alimentação. Sua mãe participava mais ativamente porque ficava mais em casa.

Este caso expõe a relação entre o brincar e o vínculo com o pai, um cuidado oferecido de pai para filho considerado importante para o desenvolvimento psicológico da criança, pois é desde a infância, nas brincadeiras, que as representações maternas e paternas podem anteceder a gestação e o nascimento de um filho e influenciar a maneira como cada indivíduo exercerá a parentalidade (ZORNIG, 2010).

Até então, foram comentadas as falas de dois pais sobre suas famílias de origem, cuja descrição feita está mais próxima do modelo tradicional de família, aquela que faz uma divisão sexual de cuidados com os filhos de forma dicotômica e na qual cabe ao homem a ausência, justificada pelo trabalho, pelo sustento familiar, pelo prover e, à mulher, o cuidado. Essas falas também valorizam a família constituída por pai, mãe e filhos e o casamento como gerador do equilíbrio familiar.

Mas, será que a criança necessita do par conjugal adulto para construir dentro de si uma imagem positiva do que é ser pai? Gomes e Resende (2004) informam que sim, que durante o desenvolvimento da personalidade, o pai real se destaca como objeto daquilo que o filho está apto a apreender com ele, estabelecendo uma lógica que evidencia esse tipo de família. No entanto, não se pode ter uma leitura linear, pois se encontram diversos tipos de família na sociedade contemporânea, com várias trajetórias, valorizando a diversidade, como mostra o caso descrito a seguir.

Pai 3

Relata que seus pais se separaram antes de ele nascer e que sua mãe o sustentou sozinha, tanto financeira quanto afetivamente, declarando que enquanto sua mãe trabalhava, ele ficava com os avós maternos.

– Minha mãe era a chefe de família. Tive com ela uma relação de pai e de mãe, ela me cobrava e me dava carinho. Ela é minha referência para tudo.

Caracterizando sua família de origem, fala:

– É bem confusa, é uma família moderna; não é o convencional, sabe? aquela família certinha, que passa na escola e na mídia de que a família é pai, mãe e filhos. Minha referência de homem era meu avô materno.

Aqui, o lugar do avô toma importância, mostrando que o pai tradicional pode exercer um papel de referência no decorrer das gerações.

Relata que seu pai não acompanhou seu crescimento e que isso o deixava chateado e sentido e que, quando saía com seu pai, se divertia, brincava, mas sempre pedia para voltar para casa, para a mãe, onde se sentia mais seguro e acolhido, uma situação muito comum, que reforça a representação social da função materna e da função paterna como dicotômicas. Percebe-se que os homens adultos de hoje que se ressentem da falta, na infância, de um pai mais próximo e caloroso têm a necessidade de outra referência paterna calcada em um modelo mais afetivo

de masculinidade (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008), tal como referiu o entrevistado:

– Minha forma de ser pai tem influência maior de minha mãe. Mas meu pai também me influenciou, devido à ausência, em o que não é ser pai. Talvez, por isso, minha vontade de ser pai sempre foi tão grande.

Assim, observa-se que os “novos” pais podem estar se construindo devido à ausência do genitor masculino.

Pai 4

A ausência do pai também foi comentada por este entrevistado, que acompanhou a separação dos pais e sofreu com a falta de estrutura financeira daquela época. Fala:

– Minha mãe arcava com tudo sozinha e meu pai dizia que dava ajuda financeira.

Até hoje, relata não saber quem está falando a verdade. Quando é questionado sobre como era a relação dele com seu pai, diz:

– Olhe, na verdade meu pai era um cachorro. A verdade é essa, certo. Ele tinha aquele contato, que, se tudo fosse brincadeira, eu estava bem de vida. Ele vinha em casa, brincava um pouquinho e ia embora. Mas quem me criou mesmo foi minha mãe. Tudo que eu conquisto hoje é graças a minha mãe porque ela foi minha mãe e meu pai, sempre.

E completa a fala:

– Minha mãe foi quem me ensinou a ser família, a ser quem eu sou, um bom pai, porque eu acho que sou um bom pai, a ser uma pessoa que respeita, a ser uma pessoa que cuida, uma pessoa responsável, que não deixa a peteca cair.

Ao falar de seu pai reporta sentimentos de raiva, tristeza e mágoa.

Pai 5

Nos cuidados recebidos por este entrevistado, estiveram presentes a mãe e a irmã mais velha. Ele informa vir de uma família muito humilde e diz:

– Minha mãe não tinha tempo para mim e meu pai deixou a gente quando a gente tinha 1 ano. Ele abandonou a casa e aí ficou só eu, minha mãe e meus irmãos. Minha mãe trabalhou muito, ela era doméstica e minha irmã mais velha cuidava de mim quando eu era criança. Meu pai, eu sei o nome porque tem no documento, mas eu nem conheço ele. Em casa, quando um fazia uma coisa, o outro

fazia outra. Sempre dividia. Às vezes, eu passava pano na casa, às vezes lavava os pratos, às vezes varria a casa.

Salienta que, desde a infância, cuidava de tarefas domésticas, cuidado esse relegado à mulher no modelo de família tradicional descrito nos estudos de Samara (2002). Portanto, nesse caso, percebe-se que a divisão de tarefas domésticas apreendida desde a infância pode ter influenciado este pai a exercer tarefas culturalmente consideradas femininas, de forma a parecer um comportamento natural no homem também.

Pai 6

Relata que só seu pai sustentava a família e que sua mãe não trabalhava. Devido às dificuldades financeiras, necessitou trabalhar na infância; informa, ainda, que seu pai o violentava fisicamente.

Conforme a descrição da re(construção) da paternidade de Gomes e Resende (2004), a fala deste pai expressa o desejo de superar as dificuldades que fizeram parte da infância:

– Meu pai era muito ignorante. Ele gostava de bater em minha mãe. Meu pai batia em minha mãe e na gente também. Na época, eu corria, mas ele pegava e batia, batia e batia muito, batia com o que vinha na frente. Mas eu nunca levei isso para o lado pessoal, sempre levei isso para o lado positivo. Sempre procurei entender as coisas ruins como coisas boas para aprender a saber na vida. Então, nunca me atingiu essas coisas, não. Hoje meu pai e minha mãe são separados.

Na fala desse pai, podemos identificar as resignificações pessoais como lócus de emergência do “novo”.

Relata, ainda, mudanças na relação com seu pai após a separação e o nascimento da neta:

– Depois que meu pai se separou, que ele veio ver as besteiras que fazia no passado, ele tenta ser aquele pai que ele não foi na minha infância. Um pai que sempre quer estar perto, quer saber como vai o filho. Hoje, eu posso dizer que ele dá amor a minha filha que ele nunca deu a mim e nem aos meus irmãos.

A única certeza que temos na vida é a certeza da mudança. Um mesmo homem pode se apresentar em diversos papéis no decorrer do tempo. Para explicar essas afirmativas, recorri ao caso apresentado no qual um pai que foi violento com

os filhos se tornou um avô amoroso e o filho, que foi violentado pelo pai, veio a ser um pai cuidador e afetivo, rompendo com qualquer tipo de determinismo social.

– *Amor completo, não amor financeiro. Porque, na intenção dele, ser pai era só botar o feijão em casa. Só fazia isso e nada mais. Se a gente precisasse de pai, não tinha. Eu tive sorte de ter vizinhos que, se eu fosse responder a uma pergunta, eu diria que eles foram meus pais.*

O entrevistado traz em seu depoimento outros modelos femininos e masculinos da comunidade exercendo funções familiares, formando uma rede de apoio.

Segundo Nolasco (2001), a violência não se restringe a uma etnia, idade ou classe social, mas tem sexo: o masculino. Assim, analisa o envolvimento dos homens em situação de violência em sociedades complexas contemporâneas e ocidentais, afirmando que se o homem, quando criança, não investir e valorizar o crescimento emocional poderá ser colocado em situações difíceis, sem saber lidar com frustrações e fracassos, promovendo a violência.

Observa-se que uma geração modifica a próxima, seja por reprodução, ao desenvolver o mesmo padrão de seu pai, seja tentando aprimorar o modo como seu pai era, não querendo repetir padrões ou, ainda, por querer fazer o que o pai nunca fez como pai. Considera-se que o novo e o velho coexistem e podem, em cada contexto, se apresentar de outras formas (SAFFIOTI, 2004). Conforme Staudt e Wagner (2008), a transmissão familiar de valores possui um forte poder formador de ideias e comportamentos, caracterizando uma interdependência dos contextos.

5.1.2 Descrição de Imagens Criadas da Paternidade

Pai 1

Quando peço que continue as frases, “Ser pai é...” e “Um pai para uma criança é...”, falando o que lhe vier à mente de forma livre, ele responde à primeira frase falando de *descendência*, mas acrescentando que é mais que isso:

– *É ajudar na formação de um ser em termos tanto físicos, como valores [...] é a base, junto com a família, é a base de equilíbrio.*

Relata sobre *abdicação*, coisas que começou a fazer ou deixou de fazer após o nascimento das filhas, dizendo que perdeu seus desejos materiais e deixou de fazer algumas coisas porque tem que se dedicar à família. Informa que houve

mudanças desapercibidas e que passaram a ser uma coisa tão natural... Verbaliza que sua finalidade como pai deve ser o bem estar e a felicidade de uma criatura, que é o filho. Ao completar a segunda frase, responde:

– É referência, é tudo, é a base, é o ponto de equilíbrio, é o conforto e é onde a criança encontra a guarita dela.

Pai 2

Para este entrevistado, “Ser pai é...” *uma grande realização* e complementa:

– Acho que eu me completo mais como pai do que como profissional.

“Um pai para uma criança é”:

– O norte, não só para o filho, mas para a família. Talvez seja uma ideia um pouco antiga, mas eu acho que a sociedade é patriarcal, no sentido do pai ser o norte da família, da importância, no sentido de prover o bem estar material, enquanto a mãe provê o bem estar emocional.

Pai 3

Complementando a questão “Ser pai é...”, afirma:

– Aquele quem cuida para que o desenvolvimento da criança seja mais próximo da perfeição.

Para ele, “Um pai para uma criança é”:

– O provedor, o protetor, é quem chama a atenção, dá limites, mostra os prós e os contras das decisões.

Pai 4

“Ser pai é...”, para este entrevistado:

– Tudo de bom. A melhor coisa da vida é ser pai. [...] Quando minha filha me chama de pai, Ave Maria, eu sei que eu tenho uma pessoa que me ama de verdade. Meu verdadeiro amor, eu acho que é dela. Amor sincero, amor lindo, amor sem interesse, eu acho que está aí, no amor de minha filha.

“Um pai para uma criança é”:

– Ter um super herói na sua vida. Pena que eu não tive, quer dizer, eu tive uma, uma, um pai-mãe, uma mãe que foi isso tudo para mim.

Pai 5

Relata que “Ser pai é...”:

– *Uma tarefa muito difícil e prazerosa. Porque tem alguém que sai de dentro de você e que você passa a fazer as coisas com ele. E completa dizendo: – Fazer tudo o que eu não tive. Tudo que eu não pude ter com meu pai, eu faço o máximo para dar a ele.*

Acredita que “Um pai para uma criança é”:

– *Um herói. [...] A figura de um pai é tudo na criança. Se você não tem um pai para se espelhar, a criança não vai para a frente. É por isso que o mundo está deste jeito. É, se não tem um pai para se espelhar, se não tem uma mãe, vai vivendo de qualquer jeito. Graças a Deus, eu não tive um pai, mas tive uma mãe para me espelhar.*

Pai 6

Afirma que, “Ser pai é...”:

– *Ser amigo. Ser pai é sempre estar perto. Ser pai é dizer não na hora certa e dizer sim na hora certa. Ser pai é ser a pessoa que saiba administrar o futuro de uma pessoa que ele tem na mão. Ser pai é você saber que você tem o futuro de uma pessoa em suas mãos e que aquela pessoa, até certa idade, vai depender de você, então, quem ela será no futuro vai depender de tudo de bom e de ruim que você ensinou a ela.*

Para esse pai, “Um pai para uma criança é...”:

– *Super herói, aquela pessoa que você sempre pode contar. O pai vai estar sempre ali. Um super herói. Nunca vai faltar nada para ela.*

Finaliza dizendo:

– *Eu esperava isso de meu pai.*

Nas falas de Pai 1 e de Pai 2, que sempre viveram em família nuclear tradicional, observa-se um significado da paternidade que reproduz o que os pais deles foram, mas percebe-se um desejo de participar mais dos cuidados com seus filhos. Os Pais 3, 4, 5 e 6, caracterizados em diversos tipos de família que contrastam com o modelo tradicional, são homens que se colocam como capazes de cuidar de seus filhos de forma mais afetiva e participativa, diferente do relacionamento que tiveram com o próprio pai, construindo essa imagem da paternidade a partir de mulheres e de outras pessoas que exerceram a figura paterna nas suas histórias de vida como filhos. Esses últimos pais citados consideram os atributos de cuidar do lar e dos filhos como naturais também no

masculino, mesmo que a cultura vigente ainda discorde disso e que isso não pareça se aplicar totalmente na prática, até porque eles trazem o prover como função essencial do pai. É possível que nossa cultura associe o cuidado de criança à imagem da mãe devido à falta de imagens masculinas exercendo esse papel e que esses pais tenham interiorizado dos cuidados que receberam da mãe as representações sobre a paternidade.

Percebe-se que os Pais 4, 5 e 6, todos de nível socioeconômico baixo, falam que um pai para uma criança é um *herói*. Essa resposta sugere que esses pais recorrem à fonte do mundo imaginário próprio da criança, portanto, um desejo de que seu pai correspondesse ao ideal de pai, mas, também, um desprendimento do próprio pai quando tenta ser um pai participativo, cuidadoso e afetivo em oposição ao modelo da geração mais velha.

5.2 CUIDADO PATERNO

A segunda categoria temática, “cuidado paterno”, corresponde ao modo como o pai participa da vida de seu filho e inclui a sua função, que diz respeito ao que é de sua responsabilidade – como dar amor, ser um exemplo, contribuir financeiramente; a função da mãe – o que é de responsabilidade da sua companheira no exercício da maternidade; a instrução dos filhos – que envolve o ensino de valores; e os desafios vividos pelos pais – que abrange os relatos de problemas no exercício da paternidade.

A seguir são apresentadas as características da família constituída dos pais entrevistados (Quadro 3):

Sujeito	Casamento (anos)	Turno Trabalho		Gestação Planejada
		Entrevistado	Esposa	
Pai 1	5	Integral	Não	Não
Pai 2	10	Integral	Um turno	Sim
Pai 3	1	Integral	Não	Não
Pai 4	6	Integral	Não	Não
Pai 5	7	Um turno	Integral	Sim
Pai 6	10	Integral	Integral	Sim

Quadro 3 – Dados da família constituída

Na fala dos pais entrevistados observou-se a tríade “pai-filho-mãe”, discutindo a divisão sexual de cuidados com filhos pequenos. Os pais contaram sobre sua experiência de ser pai, desde o momento da notícia de que a esposa estava grávida até os dias atuais.

Pai 1:

Relata o seu dia a dia com as filhas, informando que desperta as crianças e, na correria para se preparar para sair de casa, briga para elas se arrumarem e tomarem café, utilizando estratégias e, às vezes, ameaças, impondo regras. Caracteriza sua filha, de 1 ano e 9 meses, dizendo:

– Ela já fala um bocado de coisas, mas ela é braba, tem uma natureza bem forte, é geniosa, tudo dela é na base da porrada, está na fase do morder, do bater.

Informa que a contém para ela associar que *não pode bater no pai* e aplica algum tipo de penalidade, colocando-a de castigo. Complementa sua fala refletindo:

– Talvez por isso o querer mais seja delas com a mãe.

Fala que evita que elas entrem em situações perigosas e conclui dizendo:

– Não tenho como estar o dia todo, porque eu também tenho que trabalhar, mas, no tempo que eu estou, eu procuro, da minha forma, eu não sei se é a correta, porque eu sou mais rígido, mais firme que a mãe em algumas coisas. Eu brigo, mas, às vezes, para não me chatear, prefiro não me envolver.

Esse mesmo pai expressa a diversidade de padrão no cuidado com as filhas, o que vem justificar esse modelo em transição.

Descreve uma relação na qual ele tenta colocar limite, respeito e hierarquia, valores que havia ressaltado ao falar sobre a relação dele com seu pai. O pai simboliza o lado que impõe a ordem e os limites.

Traz assuntos como a administração do tempo entre o trabalho e o cuidado com as filhas, refere ter uma atitude mais rígida que a esposa em relação às filhas, ao mesmo tempo em que demonstra insegurança quanto a ser esta a atitude correta. Assim, para evitar brigar com as filhas, prefere não se envolver em alguns momentos.

Pai 2

Sobre os cuidados que tem com o filho, diz:

– Minha responsabilidade como pai é sempre o lado do trabalho. Eu trabalho e a educação fica, de fato, com minha esposa. Só em situações críticas, quando ele

está muito fora do controle, porque ele tem um gênio difícil, ele é bem determinado, quando ele faz calundu, não quer tomar banho, aí eu entro; quando a mãe já está estressada, pego ele e dou banho, faço intervenção quando ela já está cansada.

Relata que brinca muito com o filho e fala quais as brincadeiras que o filho gosta mais. Informa que participa muito pouco do dia a dia do filho porque trabalha muito, ressaltando que a participação da sua esposa é maior.

A reprodução social dos modelos masculino e feminino tem a sua base na maternagem (*mothering*), termo que significa cuidados de mãe, cujo valor cultural na reprodução da masculinidade tem um sentido ideológico na produção das desigualdades entre os sexos. (FREITAS, COELHO; SILVA, 2007). É relevante também levar em consideração que enquanto as mães “se digladiam” com seus filhos nos cuidados diários, os pais aparecem mais em atividades ligadas ao brincar. (JABLONSKI, 1998).

Pai 3

Informa que, ao chegar do trabalho, à noite, cuida do filho, pois sua esposa já está cansada. Então, dá banho no filho, troca fralda, dá de mamar, acrescentando:

– Lógico que na mamadeira, porque eu, infelizmente, não tenho como dar de mamar, com o peito; este contato com o filho só a mãe pode fazer.

Relata que, mesmo com o limite biológico do homem, tem desejo quando cuida do filho, um desejo que é salientado quando diz:

– Dar banho no meu filho é o ápice da relação, pois neste momento sou só eu e ele.

Ressalva que é ele quem corta as unhas do filho, pois sua esposa tem receio e finaliza dizendo:

– Sem dúvidas, até porque a mulher assume funções que eram do homem, os homens também assumem funções que são consideradas da mulher.

Sua fala revela o compartilhamento com sua esposa das responsabilidades pelo filho.

Como nos estudos de Silva e Piccinini (2007), este pai também ressalta que sua participação na vida do filho é muito importante e se mostra satisfeito e desejoso sobre a sua forma de paternar o filho. Este pai é o símbolo de uma paternidade contemporânea que aponta uma grande novidade: a de que os homens são capazes

de se interessar pelo recém-nascido (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008), que alguns homens se adaptaram ao novo modelo de comportamento dito feminino, provindo da mudança do papel da mulher na sociedade e na família.

Pai 4

– Minha filha me faz de gato e sapato e minha esposa é quem a segura. Eu tinha o ponto de vista que eu tinha que dar tudo a minha filha, que eu tinha que realizar todos os sonhos dela, todas as vontades dela, mas eu estou mudando. Agora, esses dias, eu estou aprendendo que isso a prejudica. Hoje, ela está cheia de vontades, cheia de dengo. A mãe fala alguma coisa e ela vai até mim, porque sabe que eu vou fazer o que ela quer. E acaba criando aquela coisa meio complicada, aquela falta de respeito. É uma menina mimada, que chora por tudo. Hoje, eu estou vendo que eu falhei e estou tentando contornar isso da melhor forma possível. Ainda não consigo, mas estou tentando.

Vale a pena ressaltar a fala deste pai com dados do Diário de Campo, pois, durante a entrevista, sua filha jogava uma bola no rosto dele e ele abria um sorriso, enquanto sua esposa reclamava com ela.

Este pai realiza uma autocrítica quanto à sua participação no dia a dia de sua filha, acreditando que ela deveria ser maior e demonstrando a existência de um conflito entre a paternidade ideal e a real. (SILVA; PICCININI, 2007).

Pai 5

Informa que faz mais tarefas domésticas do que sua esposa, pois fica mais tempo em casa, como é ilustrado por sua fala:

– Eu faço a comida, arrumo a casa, lavo os pratos, deixo tudo arrumado quando ela chega. Ela vai buscar meu filho na creche. Meu filho fica na creche o dia todo e eu fico de manhã em casa. De manhã, eu levo ele bem cedo para a creche. Ele almoça lá, fica a tarde e a mãe vai pegar [...] Quando eu chego em casa, já é mais de 20 horas e, às vezes, ele já está dormindo. Quando ele está acordado, a gente brinca. Quando ele acorda de madrugada, a mãe é quem tem o papel, mas eu fico junto acompanhando e vendo se está precisando de alguma coisa. Ele deixou de usar a fralda bem cedo quando foi para a creche, mas, antes disto, quando precisava, eu trocava fralda, dava banho nele, fazia comida. Agora, ele fica mais na creche do que comigo.

Este entrevistado pode ser caracterizado dentro do conceito de “novo pai”, no qual o pai participa ativamente no cuidado dos filhos, tendo relação igualitária e fluida com a parceira, o que se expressa na divisão de tarefas. (BUSTAMANTE, 2005).

Pai 6

Relata que sempre brinca com a filha quando estão juntos:

– Vamos nos referir ao final de semana. No sábado e domingo, a gente sempre está próximo. Sempre procuro levar ela para meu trabalho já que o movimento é tranquilo. Ela vai e a gente fica brincando na pracinha. Converso muito com minha filha e converso como se ela já tivesse uma mente aberta. E ela, graças a Deus, é uma criança muito inteligente, pega tudo fácil. Ela tem facilidade de entender as coisas para a idade dela. Me respeita. Quando eu falo sim é sim e quando eu falo não é não, e acabou; e somos dois grandes amigos. Se ela vê um bicho, por exemplo, ela não corre para a mãe, ela corre para mim. Eu dou a segurança que minha filha precisa ter.

E completa:

– O que a mãe dela faz, eu faço, dou banho, levo para o banheiro, limpo, ensino em casa o que a escola passa. Na alimentação, a mesma coisa, o que a mãe dela faz eu também faço. Faço tudo que ela precisar. Quem toma conta dela é eu, mais do que a mãe.

Relata que a mãe é sempre meiga com a filha, o que ele não concorda, pois a filha tem respeito por ele, diferentemente da mãe. Conclui dizendo:

– Porque se você não ensinar o filho desde cedo, a vida vai ensinar. Lá em casa, tanto para mãe quanto para filha, quando eu digo sim é sim e quando eu digo não é não. Antes da criança nascer, a gente já conversou que iria ser assim. Sim é sim e não é não.

Este pai tenta conciliar trabalho e cuidado com a filha, levando-a para brincar no trabalho dele. Com este pai, percebe-se que realizar cuidados cotidianos com a filha não o tira da função de autoridade da família, exercendo ele o poder na casa. Sua autoridade vale tanto para a filha como para a mulher. Mesmo a mulher tendo independência financeira, deve atender às regras estabelecidas por ele.

Percebe-se, de fato, em termos de atitudes, uma mudança por parte dos pais quanto às suas funções, respondendo a uma cultura que solicita um pai mais

presente em termos de envolvimento direto, acessibilidade e com maior responsabilidade pela criação conjunta dos filhos (JABLONSKI, 1998), porém, embora as práticas de cuidados com os filhos já estejam sendo compartilhadas entre pai e mãe, ainda não se consegue romper com o conhecimento construído e arraigado de que o pai é provedor, é do público, é do social, e a mãe é a cuidadora natural, é do privado, como algo instintivo (BADINTER, 1985). O pai na ação afetiva, cuidadora e participativa pode construir maneiras de reformular as antigas questões como o patriarcado, o machismo e o poder masculino.

5.3 SENTIMENTOS DE PAI

A terceira categoria, “sentimentos de pai”, diz respeito ao relacionamento com o filho, envolve a descrição das características desta convivência e os sentimentos relativos à paternidade e engloba todas as falas dos pais que descrevem seus sentimentos em relação ao seu filho (como felicidade, amor e realização).

Pai 1:

Relata que gostaria de estar participando mais do cotidiano de suas filhas para poder mostrar a elas os seus valores e fala:

– No futuro, eu tenho certeza que elas vão me agradecer os valores que eu estou passando, elas vão saber valorizar e compreender a mensagem, ainda que com minha forma mais ríspida. Nessas horas, eu choro, elas choram, a gente se abraça, eu bato um papo que é até pesado para criança, mas eu acho que, de alguma forma, elas entendem um pouco. Eu preciso de mais tempo. Tempo com elas.

E continua, desconstruindo ideias preconcebidas de que o homem só cuida dos filhos quando está bem no casamento:

– Tem gente que diz que filho não prende casamento, mas prende, sim.

Este pai deixa claro sua preocupação com o futuro das filhas no que diz respeito à transmissão de valores. Ao assumir o ato de chorar diante das filhas demonstra sua emoção e testemunha a sua afetividade, falando:

– Quando eu vejo minhas filhas, eu fico em paz. Este é o ganho principal de ser pai: o carinho com elas.

Pai 2

Reforça o conceito de transmissão de valores de pai para filho (GOMES; RESENDE, 2004), refletindo sobre os momentos em que seu filho demonstra sentir sua falta e ele, como seu pai fazia, traz *um presentinho, um símbolo* para a criança.

Relata que é um pai carinhoso, mas que poderia ser mais ativo no cuidado com o filho e demonstra um sentimento de culpa por não poder estar mais disponível, informando que o filho é carinhoso, mas age com indiferença quando ele fica muito tempo longe devido ao trabalho, o que faz com que se sinta represado pelo filho. Revela que sempre pensa no filho e que, recentemente, fez uma viagem para o filho, reforçando que o cuidado e dedicação paternos podem estar presentes no ato de brincar com o filho, dizendo:

– *Os momentos que a gente ficou brincando na piscina, tudo isso são fatos marcantes para mim, foram momentos que eu fiquei totalmente dedicado para ele*

Pai 3

Como, segundo ele, sempre cuidou da casa na sua infância, declara:

– *Nunca cogitei a possibilidade de passar a infância de meu filho sem nunca trocar uma fralda. Ele é meu despertador. Ele mama, boto ele para arrotar e ele dorme de novo. Ele é ótimo, geralmente ele dorme toda a noite. Quando ele acorda de madrugada, pego ele para dormir comigo e canto para ele. Eu tenho medo de ficar longe dele, eu quero acompanhar tudo dele. Não deixo faltar nada a ele. Dou atenção para ele se sentir bem.*

Relata que sente angústia porque quer fazer bem tudo que for para seu filho. Procura saber sobre o desenvolvimento do bebê, conversa muito com sua mãe e diz:

– *Quero estar sempre preparado para suprir as necessidades de meu filho.*

Fala que vive um conflito conjugal e que pode estar com a esposa por causa de seu filho, dizendo:

– *Meu filho é a minha motivação para voltar para casa.*

Para as representações sociais,

[...] toda motivação e todo comportamento somente existem e têm repercussões uma vez que eles signifiquem algo e significar implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns. (MOSCOVICI, 2004, p. 105).

Pai 4

Relata estar tentando compreender melhor seu papel de pai e que sente que pode perder a filha para o mundo, com o crescimento dela. Relata sobre o amor paterno que ganha:

– *Porque se eu pudesse, ela ficava sempre pequenininha para mim, para brincar, para mimar. Mas todo pai quer ver a filha crescer, estudar, ser uma pessoa boa. O que eu puder dar para ela eu vou dar.*

Pai 5

Descreve um dia em que o filho dele estava animado:

– *Ele estava muito alegre e isso é recompensador. O dia que você vê seu filho feliz, dando risada, contente, brincando, é gratificante.*

Comenta, ainda, alguns sacrifícios que faz para dar o melhor ao filho.

Este pai descreve seu filho com características positivas e diz:

– *Eu me sinto muito honrado por ser pai e muito agradecido por ele ser meu filho.*

Conclui dizendo:

– *Sentimento de companheirismo, de amizade assim, não tem com ninguém. É de pai e filho. Esse elo... não tem como explicar. Eu sei que é muito bom.*

Pai 6

Dizendo mostrar o verdadeiro amor à filha, mostrar aquilo que ela precisa, que ele é o porto seguro dela, afirma:

– *Sou amigo e pai dela. E amigo fala a verdade, doa a quem doer. Se for para fazer ela chorar, ela vai chorar e se for para fazer ela sorrir, ela vai sorrir.*

Diz que sua filha é um presente de Deus:

– *Só em olhar para minha filha, dormindo ou acordada, eu me sinto feliz.*

E conclui:

– *Minha filha demonstra amor por mim e pela mãe. A gente sente o prazer dela em estar próxima da gente. E isso é muito especial para qualquer pai e para qualquer mãe. Você ver que a filha, desde pequenininha, já lhe passa aquele amor verdadeiro, aquele amor puro.*

Observa-se que o pai influencia no desenvolvimento da criança, bem como a criança influencia no desenvolvimento do pai. Há um desejo de que os filhos sejam a continuidade da sua existência. Nesses relatos, pode-se observar que o filho é um

ser de identidade para esses pais. Em suas falas, esses pais significam suas crianças, possibilitando analisar, para além dos sentimentos paternos, como a criança é representada por seu pai.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fenômeno apresentado diz respeito à participação do pai no cuidado cotidiano de seus filhos pequenos realizada com afeto e intimidade e não representa apenas um ponto de vista da pesquisadora, mas um relato, na voz dos próprios pais, de suas várias facetas, apresentando seus anseios, suas dúvidas e conflitos. Através desses relatos, os pais mostraram suas diferenças, suas singularidades e sua subjetividade, tornando possível observar mudanças na família e perceber que, com o surgimento de modelos inovadores, os modelos retrógrados começam a se cristalizar, ou seja, o novo aparece, fazendo com que o tradicional fique cada vez mais arraigado, provocando tensões e permanências.

Como sugere a teoria das representações sociais, para se apropriar do campo, é preciso tornar familiar o não familiar. A representação social foi a forma escolhida para olhar para o fenômeno da paternidade na sua compreensão a partir da lente que se tem disponível, explorando novas realidades sociais, porém, vale lembrar que as questões nunca estão acabadas. Quanto mais se busca, quanto mais se pesquisa, quanto mais se responde às perguntas, mais questionamentos surgem. “A análise de conteúdo é uma construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o corpus de texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado”, segundo Bauer (2003, p. 203), que adverte que as ambiguidades do material são parte da análise e não invalidam uma interpretação.

Esta é apenas uma possível representação sobre o mundo, buscando extrair uma concepção sobre a realidade, uma interpretação que propicia mudanças na forma como nós interagimos socialmente. Para se aprofundar no tema, há inúmeras sutilezas a serem consideradas. Assim, é preciso pensar em mais questões como: O que vem à mente quando a palavra pai é evocada? Como os pais aprendem a cuidar dos filhos? Como os pais se preparam para cuidar dos filhos? Como incentivá-lo a participar do cuidado com os filhos? Como incluí-lo, neste momento em que a paternidade, de fato, se concretiza?

Esta pesquisa nos levou a ver que, na contemporaneidade, quando os estudos sobre o pai vêm ganhando espaço não somente na comunidade científica como também no debate dentro dos lares, a representação social da paternidade

pode provir da extensão com o pai de origem, do corte com o pai de origem, da tríade pai-filho-mãe e do pai se descobrindo pai no convívio com seu filho.

As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que o pai, com todas as suas imagens e conceitos, começa a pensar no seu filho. Essas imagens e conceitos derivam de programas de televisão, de conversas com outras pessoas e com a companheira e de experiências pessoais e podem influenciar seu relacionamento com a criança, o significado que dará aos seus choros, seu comportamento e a forma como organizará o ambiente no qual ela crescerá (MOSCOVICI, 2004).

Nos primeiros meses, é fundamental a inclusão do pai no mundo da paternidade (KROB; PICCININI; SILVA, 2009). Assim, para que pai e filho possam se aproximar, este pai deve ser incentivado a uma participação ativa. Percebe-se que os homens se ocupam de forma mais lúdica dos cuidados com o filho, mas é importante buscar uma maneira de se comunicar com ele, concretizando o vínculo entre pai e filho. O pai precisa se aproximar dia a dia do bebê, criar o hábito de interagir com seu filho para construir um vínculo saudável e aproveitar ao máximo os benefícios que a brincadeira proporciona.

Parece que o homem tem de engravidar (HEINOWITZ, 2005), a partir da gestação, enquanto a mulher simplesmente fica grávida (CSILLAG; SACCOMANDI, 2003). Isso não é fácil, pois requer preparo psicológico, vontade de participar e muitas informações. Não basta o homem querer ser pai. A mulher também precisa abrir espaço, pois ela tem influência para firmar esse vínculo entre pai e filho (PICCININI, 2009). O que muitas vezes parece acontecer, é que a mãe não dá chance ao parceiro para que ele vivencie a nova realidade e se ajuste às novas situações (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). A mãe pode exercer grande influência na forma como o pai interage com a criança. Esse padrão cultural de que só a mulher sabe cuidar dos filhos não motiva os homens a esses cuidados. A falta de reconhecimento das mulheres quanto à participação dos pais nos cuidados com os filhos dificulta essa interação. Porque não, mães e pais, ensinar aos meninos que cuidar da casa e dos filhos é também dever do homem? O cuidado com os filhos pode ser construído em um fazer junto, onde pais e mães, a partir de seus desejos e necessidades, podem mudar suas estratégias e exercer diversas funções, a depender de cada situação que vivenciarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o pai está em foco. Ela caminhou pelo envolvimento, investimento, desejo e privilégio do dever e do direito do pai de cuidar de seus filhos. Ocorre hoje uma desejabilidade social de maior participação do pai no cuidado com os filhos, um diálogo que está cada vez mais intenso nos lares brasileiros, proporcionando um aumento na intimidade entre pais e filhos. Assim, o pai se interessa mais pelos cuidados dos filhos, que é considerado na nossa cultura, uma responsabilidade das mães.

Embora ainda prevaleça no imaginário social a ideia binária de que a mãe deve exercer a função materna, representada por carinho, amor, cuidados básicos, afeto e acolhimento e que o pai deve exercer a função paterna, representada por segurança, proteção, introdução do não, autoridade, limites e ordem, tais funções podem ser exercidas por qualquer pessoa, independentemente do sexo, ou seja, funções paternas podem ser exercidas por uma mulher e funções maternas podem ser exercidas por um homem, contanto que seja uma pessoa que participe ativamente do cuidado com a criança.

Alterar uma realidade desse tipo leva tempo, inclusive porque não se trata somente de construir um imaginário, mas, também, de mudar situações materiais de desigualdade entre homens e mulheres. Quando a análise é estatística, ainda se destaca a carga de responsabilidade da maioria das mulheres com a chefia familiar, ou seja, a necessidade de serem pai e mãe de seus filhos.

Na maioria das famílias, em Salvador-BA, ainda são as mulheres as principais cuidadoras e, em muitos casos, como nas chefias familiares, também as provedoras. Entretanto, já encontramos uma nova geração de homens que estão dividindo seu tempo entre o trabalho e o cuidado com os filhos e o lar; já existe uma preocupação de muitos homens sobre o seu desempenho de pai, ficando cada vez mais evidente que eles estão interessados em cuidar de seus filhos.

Esta pesquisa sugere a ideia de que os pais na contemporaneidade são cuidadores e provedores, mas revela que não há determinismo de gênero que sustente dicotomias nas divisões sexuais de trabalho e nos tipos de afeto. “Os textos estão abertos para diferentes leituras, dependendo dos pré-julgamentos” (BAUER, 2003, p. 208).

Vale ressaltar que os estudos sobre paternidade e maternidade devem trazer maiores discussões sobre natureza e cultura, percebendo que o biológico também é cultural.

Sensibilizei-me com essas questões, me envolvi com elas, e deixo um registro que passa a ser um elemento para discussão de políticas públicas e de redes de apoio ao exercício da parentalidade. Reescrever o pai na sociedade contemporânea levanta a hipótese de que relações mais simétricas de gênero são possíveis, ou seja, que há que se quebrar dicotomias que implicam em divisões sexuais e resgatar o valor da dignidade dos pais entrevistados ao desenvolver os resultados da pesquisa e lhes dar retorno.

Quero esclarecer que não pretendo generalizar e nem dizer que há mudanças no campo de gênero, ou seja, que os pais estão se transformando em cuidadores, mas sinalizar para tipos de pais que, se já existiam, parece que estão se multiplicando, questionando a literatura que costuma não dar conta da multiplicidade de tipos de paternidade, em particular do pai que é cuidador e provedor ao mesmo tempo.

Os pais entrevistados são os principais responsáveis por esse produto, pois permitiram ser observados em seu papel como agente social ativo, ampliando a consciência da inter-relação dos espaços públicos e privados. Além do mais, falar sobre paternidade ultrapassa os limites da família.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clara Maria O.; SCALON, Maria Celi R. C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**. Campinas, SP, n. 117, p. 127-47, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALANCHO, Leonor S. F. Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. **Análise Psicológica**, v. 2, n. 22, p. 377-86, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n2/v22n2a06.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

BARROS, Sibelle Maria M. de; MENANDRO, Paulo Rogério M.; TRINDADE, Zeidi A. Vivências paternas em UTI neonatal. **Psicol. hosp. (São Paulo)**, v. 4, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2010.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 189-217.

BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism**: perspective and method. USA: University of California Press, 1986.

BORIS, Georges Daniel, J. B. **Falas masculinas ou ser homem em Fortaleza**: múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. Fortaleza, 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000. Disponível em: <http://cendoc.nepo.unicamp.br/iah/textos/textos/pesquisadores/Jose%20Marcos/pos_graduacao/falas_masculinas.pdf>. Acesso em: 10 set. 2011.

BOURDIEU, Pierre. À propos de la famille comme catégorie réalisée. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, v. 100, n. 100, p. 32-6, 1993. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070>. Acesso em: 23 out. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. São Paulo: Papius, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde – CNS. **Resolução n. 196**, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. DOU, nº 201, 16 out. 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 14 ago. 2011.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A; GUERRA, V. N. A. (Orgs.). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.

BUSTAMANTE, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 393-402, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a06.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny A. B. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1865-74, nov./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n6/26.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

CASTRO, Washington Ramos. **Paternidade: representações sociais relacionadas à infertilidade conjugal/masculina**. Rio de Janeiro, 2009. 97f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/15246102/Paternidade-Representacoes-Sociais-Relacionadas-a-Infertilidade-Conjugal-Masculina>>. Acesso em: 21 out. 2011.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-102, jun. 2007. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/confmitver.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2010.

CIA, Fabiana; WILLIAMS, Lúcia C. A.; AIELLO, Ana Lúcia R. Influências paternas no desenvolvimento infantil; revisão da literatura: relacionamento pai-filho. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 225-33, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a05.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

COELHO, Elga Berger Salem. Enfermagem e o planejamento familiar: as interfaces da contracepção. **Rev Bras Enferm**, v. 58, n. 6, p. 665-72, nov./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n6/a07v58n6.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.

COOPER, David. **A morte da família**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COSTA, Rosely G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Estudos Feministas**, ano 10, n. 2, p. 339-56, 2 sem. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14961.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

CSILLAG, Cláudio; SACCOMANDI, Humberto. **O manual do grávido**. São Paulo: Publifolha, 2003.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR – DIAP. **Mulher chefe de família é a que trabalha mais, diz Ipea, segundo IBGE.** 2010. Disponível em: <<http://www.diap.org.br/index.php/noticias/agencia-diap/14949-mulher-chefe-de-familia-e-a-que-trabalha-mais-diz-ipea-segundo-ibge>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional.** São Paulo: Paulinas, 2008.

FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 29, p. 9-35, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2010.

FREITAS, Waglânia de M. F.; COELHO, Edméia de A. C.; SILVA, Ana Tereza M. C. da. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-45, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n1/14.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2011.

FREITAS, Waglânia de M. F.; et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 85-90, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v43n1/6868.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2011.

GOMES, Aguinaldo José da S.; RESENDE, Vera da R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-25, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2010.

HAGUETTE, Tereza. M. F. **Metodologias qualitativas em Sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

HEINOWITZ, Jack. **Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos.** Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2005.

HENNIGEN, Inês. Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 169-84, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a13.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes**: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mulher de Hoje**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje.html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira, 2007**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/sintese_indic/indic_sociais2007.pdf.

JABLONSKI, Bernardo. Paternidade hoje: uma metanálise. In: SILVEIRA, P. (Org.). **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 121-9. Disponível em: <http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/paternidade_hoje.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

KROB, Adriane D.; PICCININI, Cesar Augusto; SILVA, Milena da R. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 269-91, abr./jun. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2011.

LAMELA, Diogo; NUNES-COSTA, Rui; FIGUEIREDO, Bárbara. Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 1, mar. p. 205-16, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n1/a22v15n1.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2010.

LANE, Sílvia; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEVANDOWSKI, Daniela C.; PICCININI, Cesar A. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n1/29840.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2011.

LÉVI STRAUSS, Claude. XIII- A família. In: SHAPIRO L., Harry. **Homem, cultura e sociedade**. Martins Fontes. p. 355-80, 1982.

LOPES, Tatiana Coelho. **Itinerário da paternidade**: a construção social da integralidade do cuidado ao recém-nascido e família na UTI-Neonatal. Rio de Janeiro, 2009. 132f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.tesesims.uerj.br/lildbi/docsonline/pdf/lopes_tatiana.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2011.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Estudos Feministas**, ano 8, n. 1, p. 145-58, 1 sem. 2000.

MEDRADO, Benedito; et al. Políticas públicas como dispositivos de produção de paternidades. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; PETRINI, Giancarlo; BARBOSA, Francisco de Barros (Orgs.). **O pai na sociedade contemporânea**. Bauru: EDUSC, 2010. p. 53-79.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. A estrutura contemporânea da família. In: COMPARATO, Maria Cecília M.; MONTEIRO, Denise S. F. (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**; família e sociedade: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. v. I, p. 17-25.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-64.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Tradução Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NOLASCO, Sócrates Álvares. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família**. Bauru: Edusc, 2003.

PICCININI, Cesar Augusto; et al. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 373-82, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a10.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2011.

PONTES, Cleide Maria; ALEXANDRINO, Aline C.; OSÓRIO, Mônica Maria. O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.**, Recife, v. 9, n. 4, p. 399-408, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v9n4/a03v9n4.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2011.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 13, n. 4, dec. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SAMARA, Eni de M. O que mudou na família brasileira? da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2010.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez; Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2005. p. 21-36.

SEGALEN, M. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1999.

SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 561-73, out./dec. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a15.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUZA, Carmen Lúcia C. de; BENETTI, Sílvia P. da C. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 97-106, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/12.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2011.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F. Pais que cuidam de filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**, v. 39, n. 1, p. 74-82, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1488/2799>>. Acesso em: 14 ago 2011.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder**: a família no mundo, 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

TORRÃO FILHO. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 127-52, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

TRINDADE, Zeidi A.; ANDRADE, C. A.; SOUZA, J. Q. Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. **Psico**, Porto Alegre. v. 28, n. 1, jan. 1997. p. 207-23.

VEJA. **Milênio**: os 100 fatos que mudaram o mundo do ano 1001 até hoje: a longa caminhada até os dias de hoje. ed. 1682, jan. 2001. Especial do Milênio. Uma escolha da mulher, p. 60.

WAGNER, Adriana; et al. Compartilhar tarefas? papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2010.

ZORNIG, Sílvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	83
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA	85

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O Senhor foi selecionado e está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada “Reescrevendo o Pai na Sociedade Contemporânea: uma representação social da paternidade em Salvador”, que tem como objetivo compreender as transformações da paternidade numa família nuclear a partir do discurso do pai. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método a entrevista aberta.

A pesquisa terá duração de dois anos, com o término previsto para fevereiro de 2012.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição.

O Senhor não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada a sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para pesquisas em Família na Sociedade Contemporânea e áreas interdisciplinares (Exemplo: Psicologia, Sociologia, Antropologia, Direito, etc.).

O Senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o celular / e-mail do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor

de Ensino Superior da Bahia – CEP / IMES, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já Agradeço!

Hannah Fiterman (Mestranda – UCSAL – Universidade Católica do Salvador)

Telefone: (71) 87274145 / E-mail: hannahfiterman@hotmail.com

CEP / IMES (Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia)

Telefone: (71) 32818213 / E-mail: fftc@fundacaofc.org.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me afetará. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Salvador-Ba, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do voluntário

Documento de Identidade

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS PAIS:

Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Renda:

Estado civil:

Quantidade de filhos:

Idade dos filhos:

Sexo dos filhos:

Endereço:

Com quem mora:

Resgatando da história de vida com a família de origem:

01. Quando você era o filho, como era o cotidiano de sua família? (Gostaria que você falasse um pouco sobre a sua infância)
02. Comente sobre sua relação com seu pai e com sua mãe?
03. De que maneira o modo de sua família de origem influencia sua forma de ser pai?

Discussão sobre casamento, divisão sexual de tarefas de cuidado, relações de gênero:

04. Comente um pouco sobre o seu casamento.
05. Como você pode caracterizar sua esposa?
06. Como é a participação de sua esposa como mãe?

Representações construídas sobre o que é ser pai:

- 07. Para você, o que é ser pai?
- 08. O que pode significar um pai para uma criança?

Considerações do pai entrevistado sobre sua interação com seu(s) filho(s):

- 09. Como foi sua reação quando você recebeu a notícia de ser pai?
- 10. E qual foram os planejamentos para se ter um filho?
- 11. Como foi a sua participação no período gestacional?
- 12. O que mudou quando você se tornou pai?
- 13. Comente sobre o cotidiano com seu filho.
- 14. Como você participa na criação de seus filhos?
- 15. Você gostaria de participar mais? Em que?
- 16. O que você considera necessário para participar do jeito que gostaria?
- 17. Existem dificuldades encontradas na experiência de ser pai? Quais?
- 18. Você tem expectativas para seus filhos? Quais?
- 19. Como você demonstra o que sente para seus filhos?
- 20. Como você se sente em relação aos seus filhos?
- 21. Você utiliza algum recurso para compreender melhor seu papel como pai?
- 22. Existe alguma coisa que na sua relação com seu filho que você considere importante trazer para esta entrevista?

Colhendo reflexões do entrevistado ocasionadas pela entrevista e considerações para possível reorganização do roteiro de entrevista:

- 23. O que você achou da entrevista?